



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROCESSOS SOCIOEDUCATIVOS E PRÁTICAS ESCOLARES**

**JAQUELINE GOMES MAGALHÃES**

**CONVERSAS COM PROFESSORAS:**  
**compreendendo como são os usos dos tempos da jornada de trabalho fora da sala de**  
**aula no município de Juiz de Fora/ MG**

**SÃO JOÃO DEL-REI – MG**

**FEVEREIRO 2015**

**JAQUELINE GOMES MAGALHÃES**

**CONVERSAS COM PROFESSORAS:**

**compreendendo como são os usos dos tempos da jornada de trabalho fora da sala de aula no município de Juiz de Fora/ MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação: Processos Socioeducativos e Práticas Escolares da Universidade Federal de São João del-Rei como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Professora Orientadora: Professora Doutora Romélia Mara Alves Souto

São João del-Rei

2015

JAQUELINE GOMES MAGALHÃES

**CONVERSAS COM PROFESSORAS:  
compreendendo como são os usos dos tempos da jornada de trabalho fora da sala de  
aula no município de Juiz de Fora/ MG**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-graduação: Processos Socioeducativos e Práticas Escolares da Universidade Federal de São João del-Rei pela seguinte banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Romélia Mara Alves Souto (Orientadora)

Programa de Pós-Graduação em Processos Socioeducativos e Práticas Escolares, UFSJ

---

Prof. Dr. Laerthe de Moraes Abreu Júnior

Programa de Pós-Graduação em Processos Socioeducativos e Práticas Escolares, UFSJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Pacheco Marques

Programa de Pós-Graduação em Educação, UFJF

*À memória de meu avô, João Soares da Silva, cuja profícua passagem pela vida  
me ensinou a experienciar as diferentes dimensões do tempo.*

## AGRADECIMENTOS

Eu poderia dizer que aprendi muito durante o percurso do mestrado. Quantas idas e vindas, chegadas e partidas entre as montanhas das Gerais... O caminho não foi tão fácil, pois aliar estudos e trabalho não é uma tarefa simples, mas, desta vez, eu não desisti por duas razões. Uma porque finalizar este curso tornou-se questão de honra, outra porque abracei esta segunda chance com o intento de (re)começar... Nessa caminhada, durante o processo de construção do trabalho de dissertação, algumas pessoas foram essenciais e que seria injusto de minha parte não agradecê-las.

Assim, agradeço...

A Deus, pela força e coragem que derrama em minha vida...

À minha mãe Sonia, que me fez nascer para a escola da vida e me dirigiu para dentro da vida nas/das escolas. Seus exemplos de educadora perpetuam e são viveres que alimentam o meu apreço pela educação...

Aos meus irmãos Alexandre, Fabiana e Gisely, que sempre compartilham comigo experiências da vida...

À minha avó Maria, pelas orações para que tudo continue dando certo...

Ao meu avô João, que sempre ficará em minha memória com as mais felizes lembranças. Obrigada por tudo!

Ao meu *namoradocompanheiroamigo* Wilson Junior, que me auxiliou em todas as atividades que eram propostas, inclusive nos momentos de ausências e cansaços, e ainda me fez compreender o verdadeiro sentido da palavra *companheirismo*.

Aos familiares, amigas e amigos, pelos gestos e palavras de apoio, incentivo e reconhecimento do meu esforço e dedicação.

Às *mulheresprofessoraspesquisadoras mãesesosas*, que teceram comigo este trabalho e que me mostraram serem verdadeiras *heroínas do cotidiano*.

À professora doutora Romélia Mara Alves Souto, que, com paciência, me ajudou a clarear os caminhos e passos da pesquisa e me fez ter calma para encarar as intempéries da vida...

Ao professor doutor Laerthe de Moraes Abreu Júnior, pela generosidade com que me acolheu na fase de qualificação do trabalho e tornou o orientador por algum período.

À professora doutora Bruna Sola da Silva Ramos, que, ao participar da banca de qualificação contribuiu para o aprimoramento do estudo com suas perspectivas enriquecedoras.

À professora doutora Luciana Pacheco Marques, pelas contribuições, amizade e confiança em meu estudo e, de certa maneira, pela segunda chance a mim oferecida.

À Secretaria Municipal de Educação de Ewbank da Câmara, que me permitiu, no ano do curso das disciplinas do mestrado, flexibilizar o meu horário de trabalho.

A todos vocês, minha eterna gratidão!

## RESUMO

Esta dissertação, intitulada “Conversas com professoras: compreendendo como são os usos dos tempos da jornada de trabalho fora da sala de aula no município de Juiz de Fora/ MG”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Processos Socioeducativos e Práticas Escolares da Universidade Federal de São João del-Rei, nasce a partir de questionamentos sobre a categoria *tempo*. Que tempos vivenciamos atualmente? Como são utilizados os tempos pelos professores? Fruto de tais questões, a pesquisa teve como objetivo principal compreender como têm sido os *usos* dos tempos da jornada de trabalho fora da sala de aula de professora. Na investigação, busquei realizar dois movimentos basilares. O primeiro foi compreender as questões teóricas e legais que regulamentam a jornada de trabalho do professor de Juiz de Fora (MG). Nesse movimento, mergulhei também nos estudos sobre a categoria *tempo* entendendo-a como *temporalidades que coexistem*. O segundo movimento compreendeu a organização de rodas de conversas com oito professoras da rede municipal de ensino. Para essa investida, optei entender as *artes de fazer* (CERTEAU, 2011) das professoras que aceitaram o convite em participar do estudo. Suas falas, traduzidas em narrativas ao longo do texto, revelaram os *movimentos astuciosos* de suas *práticas* (CERTEAU, 2011). Ao experimentar a pesquisa, percebi que a questão dos *usos dos tempos* fora de sala de aula perpassa pela seguinte compreensão: os tempos são múltiplos, por isso os usos também são múltiplos. Esse entendimento aponta a necessidade de permitir que novos caminhos sejam trilhados a partir de *táticas* que *burlam* ao que está posto (CERTEAU, 2011).

**Palavras-chave:** Tempo. Prática pedagógica. Trabalho docente.

## ABSTRACT

This dissertation entitled "Conversations with teachers: understanding as are the uses of the work day time outside the classroom in the city of Juiz de Fora / MG", developed at the Graduate Program Socio Processes and Practices School of the Federal University São João del Rei, born from questions about the category time. What times we experience today? How times by teachers are used? The result of these issues, the research aimed to understand how have been the uses of the work day time outside the classroom teacher. In the investigation, I sought perform two basic movements. The first was to understand the theoretical and legal issues governing the working day teacher of Juiz de Fora (MG). In this movement, also immersed in studies on category time understanding it as temporalities that coexist. The second movement understood the wheels of organizing conversations with eight teachers of municipal schools. For this attack, I chose to understand the arts (CERTEAU, 2011) of the teachers who accepted the invitation to participate. His speech, translated into narratives throughout the text, revealed the cunning moves of their practices (CERTEAU, 2011). To genuinely experience the research, I realized that the question of the use of time out of the classroom goes through the following understanding: times are multiple, so the uses are also multiple. This understanding indicates the need to allow new paths to be trodden from tactics that circumvent what is laid (CERTEAU, 2011).

**Keywords:** Time. Pedagogical practice. Teaching.



## SUMÁRIO

	<b>PARA INÍCIO DE CONVERSA</b>	11
<b>1</b>	<b>CONVITE A COMPREENDER O (RE)COMEÇO NAS ARTES DE FAZER PESQUISA</b>	13
<b>2</b>	<b>FIOS QUE COMPÕEM A <i>ESCRITURA</i>: OS CAMINHOS DA PESQUISA</b>	19
<b>2.1</b>	<b>Os encontros e suas organizações</b>	27
<b>2.2</b>	<b>As professoras</b>	30
<b>3</b>	<b>DIRETRIZES OFICIAIS E TEMPOS – ESCRITAS E COMPREENSÕES NECESSÁRIAS</b>	39
<b>3.1</b>	<b>Diretrizes oficiais</b>	39
<b>3.2</b>	<b>Tempos: o que são?</b>	47
<b>4</b>	<b>AS CONVERSAS COM AS PROFESSORAS</b>	54
<b>4.1</b>	<b>As vozes das professoras</b>	56
<b>4.2</b>	<b>Tempos vivenciados fora da escola</b>	61
	<b>CONSIDERAÇÕES SOBRE OS PERCURSOS E AS CONVERSAS</b>	78
	<b>REFERÊNCIAS</b>	84
	<b>APÊNDICES</b>	90

## **O SONHO**

*Sonhe com aquilo que você quiser.*

*Vá para onde você queira ir.*

*Seja o que você quer ser, porque você  
possui apenas uma vida e nela só temos  
uma chance de fazer aquilo que queremos.  
Tenha felicidade bastante para fazê-la doce.*

*Dificuldades para fazê-la forte.*

*Tristeza para fazê-la humana.*

*E esperança suficiente para fazê-la feliz.*

*As pessoas mais felizes não têm as  
melhores coisas. Elas sabem fazer o melhor  
das oportunidades que aparecem em seus caminhos.  
A felicidade aparece para aqueles que choram.*

*Para aqueles que se machucam.*

*Para aqueles que buscam e tentam sempre.*

*E para aqueles que reconhecem a  
importância das pessoas que passam por suas vidas.*

*O futuro mais brilhante é baseado num  
passado intensamente vivido.*

*Você só terá sucesso na vida quando  
perdoar os erros e as decepções do passado.*

*A vida é curta, mas as emoções que  
podemos deixar, duram uma eternidade.*

*(CLARICE LISPECTOR, 2014a).*

## PARA INÍCIO DE CONVERSA...

Este *início de conversa* tem uma pretensão: convidar à leitura. A ideia é que, neste breve início, eu apresente os caminhos e fios que teceram a *escritura* (CERTEAU, 2011) desta dissertação.

A leitura poderá ser realizada a partir de *narrativas* que tiveram a intenção de *compreender* como são os usos dos tempos da jornada semanal de trabalho fora da sala de aula **de** professoras da rede municipal de ensino de Juiz de Fora, Minas Gerais.

Isto quer dizer que, na jornada semanal de trabalho do professor do município de Juiz de Fora, regularizada pela lei nº 09732/2000 (Juiz de Fora, 2012a), existe a prerrogativa da redução da jornada de trabalho do professor em atividades de regência de turmas, isto é, uma parte é destinada à regência de turmas e, a outra, a atividades do trabalho docente fora do contexto da sala de aula. A intenção é justamente compreender como são os usos desses tempos da jornada de trabalho quando o professor não está na regência de aulas. Como são organizados tais tempos? Como são os usos?

Tendo por base a lei municipal, o estudo ganha alento com a aprovação da lei federal nº 11.738/2008 (BRASIL, 2012), conhecida comumente como a Lei do Piso, que, entre outras coisas, dispõe, em seu artigo 2º, § 4º, que, na composição da jornada de trabalho dos profissionais do magistério público da educação básica, observar-se-á o limite máximo de 2/3 (dois terços) da carga horária para o desempenho das atividades de interação com alunos. Dessa forma, no mínimo 1/3 da jornada de trabalho deverá ser destinada às chamadas atividades extraclasse.

Assim, este estudo desenvolve a partir da seguinte questão: *como são os usos que professores têm feito dos tempos da jornada de trabalho fora da sala de aula?*

Para esta investida, procurou-se também compreender sobre o que referimos quando lidamos com a categoria tempo: que *tempos* são estes fora da sala de aula?

*“Designo por escritura a atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado.”* (CERTEAU, 2011, p. 204)

*Ao utilizar os usos dos tempos de professoras, estou querendo referir aos usos de algumas professoras e não de todas. E quando refiro-me aos usos de professoras no feminino adianto o fato de serem apenas mulheres que estão sendo coautoras na/da pesquisa.*

A referência *aos tempos*, no plural, é por eu acreditar que existe uma multiplicidade de tempos, desde a maneira de concebê-los e, inclusive, vivenciá-los. Dos diferentes tempos, da Modernidade à Atualidade, há diferentes concepções e significativas transformações no modo de sua compreensão e utilização.

Prigogine (2011) nos convida a pensar o tempo na Atualidade. Na coexistência de diferentes tempos, visto que não existe um tempo único. Tempo quer dizer construções, probabilidades, significados e simultaneidade. Entendendo o tempo a partir dessa perspectiva, consideramos que *os usos* (CERTEAU, 2011) podem ser múltiplos, pois os tempos também são múltiplos.

Assim, a justificativa para escolha dessa temática de estudo respalda-se na importância de se compreender os *usos dos tempos* em sua multiplicidade. Além disso, constatei que são poucos os estudos que tratam sobre os tempos de professores fora da sala de aula, tendo como referência a lei nº 11.738/2008 (BRASIL, 2012), mesmo que esta já fora aprovada desde 2008. E, mais importante do que isso, são poucos os municípios que de fato a implementaram.

Nessa *escritura*, inicialmente, me apresento e situo o contexto em que a pesquisa foi sendo construída. Na segunda parte, descrevo os caminhos que foram percorridos até que se chegasse às professoras que teceram comigo este trabalho. Em seguida, descrevo as diretrizes legais para a organização da jornada de trabalho do professor da rede municipal de Juiz de Fora e apresento a categoria tempo na Atualidade, tendo ambas como compreensões necessárias. E, por fim, apresento as conversas emergidas em dois encontros com professoras.

*“Cada ser complexo é constituído por uma pluralidade de tempos, ramificados uns nos outros segundo articulações sutis e múltiplas. A história, seja a de um ser vivo ou de uma sociedade, não poderá nunca ser reduzida à simplicidade monótona de um tempo único, quer esse tempo cunhe uma invariância, quer trace os caminhos de um progresso ou de uma degradação.”*  
(PRIGOGINE; STENGERS, 1991, p. 211).

## 1 CONVITE A COMPREENDER O (RE)COMEÇO NAS ARTES DE FAZER PESQUISA

Se algum projeto que elaboraste  
redundou em fracasso, não te aborreças,  
nem o abandones por isso.

O aparente fracasso é a forma pela qual a  
Divindade te ensina a corrigir a maneira de atuar,  
facultando-te repetir a experiência com mais sabedoria. [...].

A arte de recomeçar é medida de engrandecimento  
para quem aspira os mais altos cometimentos. [...].

A vida é constituída de lições que se  
repetem até fixarem-se corretamente.

(DIVALDO P. FRANCO, 1992, p. 178)

Lições da vida... A vida, com toda a sua *complexidade* (MORIN, 2007), nos prega ensinamentos que nos transformam enquanto seres humanos. Quem um dia não tivera que modificar seu ponto de vista a partir de um ensinamento que obtivera como consequência de um suposto fracasso? Difícil termos uma resposta negativa, mas, mais difícil ainda, é assumir um erro e conseguir forças para continuar caminhando...

As palavras, psicografadas por Franco (1992), da epígrafe acima, lidas e refletidas na manhã de um dia já cinzento em março de 2009, foram víveres necessários para que eu continuasse a querer adentrar-me no chamado campo acadêmico da pesquisa. De 2009 até os dias atuais, muitas *experiências*, no mais real entendimento de Larrosa (2002), foram por mim vivenciadas tendo sempre a educação como campo. Por um período, retirei-me do “mundo acadêmico” e fui me constituir “no mundo da prática”. Quantas aprendizagens... Família. Amigos. Escolas. Alunas e alunos. Professoras e professores. Pessoas que me auxiliaram a compor o que hoje sou: *professoracoordenadoraaprendizpesquisadora*.

Por certo, nesse intervalo de *tempoespaço*, foi como se muito do que sempre fui se tornasse mais evidente ou ainda, é como que se o que estava lá no fundo ofuscado, num movimento de ascendência, se tornasse

*O motivo de se usarem as palavras grafadas juntas, de acordo com Alves (2010), busca evidenciar a ruptura com a lógica da ciência Moderna de dicotomizar a realidade.*

evidente. Aprendi que é impossível nos desvelarmos de tudo o que acreditamos e somos... Assim, a Educação continuou sendo *locus* de pesquisa e atuação. Afinal, a Educação em minha vida sempre esteve muito presente...

Na minha infância, eu era mais uma das meninas que desejava se tornar PROFESSORA. Os horários em que eu não estava na escola eram ocupados com as *aulinhas* dadas para os alunos imaginários, com direito a quadro negro e giz branco, à leitura de histórias e elogios nas folhas das atividades e deveres de casa. Ao longo dos anos, este ideal permaneceu vivo – ainda mais pelo fato de que contava com a presença e exemplo de minha mãe, que me fez nascer para a escola da vida e me dirigiu para o cotidiano da vida nas/das escolas –, e tinha a certeza de que queria ser professora, independente da área de conhecimento para a qual fosse lecionar. Essa crença me levou a prestar o vestibular para o curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) no ano de 2003.

Ingressei no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFJF no primeiro semestre de 2004 e, no mesmo ano, me inseri em um grupo de pesquisa – que, atualmente, recebe a designação de “Formação de Professores e Políticas Educacionais” (FORPE), coordenado pela professora Maria da Assunção Calderano – na condição de bolsista de Iniciação Científica. Nesse grupo, tive a oportunidade de estudar, refletir e construir textos que abordavam a especificidade e dilemas enfrentados pelos Pedagogos em formação e por aqueles que já haviam se formado e estavam atuando em espaços escolares e não escolares.

Concomitante com as responsabilidades da iniciação científica que desenvolvia no interior do grupo de pesquisa, debruicei-me em estudos referentes à formação docente. Afinal, estava eu me constituindo uma futura *pedagogaprofessora*.

Na graduação, muitas foram as questões (re)significadas... Sendo um pouco saudosista, me recordo que, ao ingressar na Pedagogia, tinha inicialmente o interesse em atuar na educação de alunos com deficiências, mais especificamente com alunos que possuíssem a Síndrome de Down. Foi quando, já no primeiro período de curso, aprendi

com o professor Carlos Alberto Marques (para sempre na memória) a *olharsentircompreender* a diversidade e complexidade da vida humana...

Já formada em Pedagogia e buscando interesses mais específicos no campo acadêmico-científico, ingressei no curso de Mestrado em Educação da mesma instituição, mas tal projeto, construído e sonhado no período de graduanda, por questões pessoais, tivera que ser interrompido. *Travessia*.

Nessa *travessia*, sempre ficou em mim a vontade de (re)começar... Apesar de angustiada com algumas questões, fui a cada manhã me prendendo a uma nova oportunidade. Devagar fui me reconstituindo. Tive que aprender a caminhar traçando novos percursos, errando trilhas, mas aprendendo a caminhar... Neste novo traçado do caminho que me propus a fazer, conheci *pessoasespaços* que hoje fazem parte da minha vida...

Neste movimento, um dos *espaçostempos* em que tive a oportunidade de (re)começar, de *aprender a caminhar*, foi no “Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Diversidade” (NEPED) da UFJF. Para mim, era como se estivesse em um processo de *outros tempos*. Na condição de pesquisadora-colaboradora, iniciei a participação no projeto de pesquisa *Tempos na escola*, coordenado pela professora Luciana Pacheco Marques. Embora meu ingresso tenha sido num momento de finalização da pesquisa, o projeto teve início após a implementação do “Programa Escola de Educação de Tempo Integral” da rede municipal de ensino de Juiz de Fora e se constituiu numa parceira entre a UFJF, Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora e as escolas de Tempo Integral. O objetivo principal do projeto era (re)pensar a organização dos tempos escolares por ocasião da ampliação do tempo de permanência dos alunos nas escolas que estavam participando do programa.

Dentro do NEPED, também tive oportunidade de participar do projeto *Tempos: estado da arte na educação*. A pesquisa se constituiu num estado da arte da produção sobre a categoria *tempo* na área da educação. As produções inventariadas e analisadas foram dissertações e teses produzidas nos Programas de Pós-graduação em Educação do Brasil que fazem parte do Banco de Teses da Fundação Coordenação de

[...] “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.  
(JOÃO GUIMARÃES ROSA, 1986)

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.”  
(FREIRE, 1992, p. 155)

“É impossível encontrar o caminho sem se perder.” (ANA MARIA MACHADO, 2014)

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); os artigos publicados nos periódicos da área de educação disponíveis no *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e os trabalhos apresentados nas Reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), considerando a produção dos anos de 2003 a 2007 disponível nessas agências. A análise dessas produções permitiu reescrever a história do tempo na produção em educação (MARQUES *et al.*, 2009).

A participação nesses dois projetos de pesquisa me possibilitou reflexões direcionadas para a *vida*: que tempos vivenciamos? O que é o tempo? A partir das indagações alicerçadas com as leituras do grupo, fui percebendo que cada indivíduo tem um tempo que lhe é próprio, singular. Que não existe um tempo fixo. Nossas experiências no tempo são diferentes a cada instante e são simultâneas. Essa é uma visão oriunda da transição do pensamento Moderno para o Atual. Se antes o tempo era baseado numa linearidade fixa, no presente, na Atualidade, passa-se a ser concebido como simultâneo (PRIGOGINE; STENGERS, 1991).

Em 2010, a inserção no núcleo de pesquisa fora interrompida por questões profissionais. Na verdade, fora interrompida pela instituição do tempo *khronos* em nossas vidas, que organiza cronologicamente os nossos afazeres. Não conseguia disponibilizar mais de tempo para participar num determinado dia e horário do grupo de pesquisa. O tempo foi passando... A vida foi passando...

Entretanto as questões do *tempo* continuaram fazendo parte da minha experiência enquanto *professoracoordenadora*. Perguntava-me como as novas concepções sobre o tempo poderiam ajudar nas *maneiras de fazer* (CERTEAU, 2011) o cotidiano da/na escola. Como conceber uma proposta pedagógica em que valorizemos o tempo de cada um, o tempo do outro: da aluna, do aluno, da professora, do professor, da coordenação pedagógica, da direção escolar? Como fica organizado o tempo pedagógico? Como é o tempo destinado aos professores para estudos e capacitações? Como é o tempo da jornada de trabalho do professor dentro e fora da sala de aula?



Oriunda das indagações elencadas, algumas questões ganhavam uma inquietação maior: como o professor organiza o tempo fora da sala de aula de sua jornada de trabalho? Quais são as experiências vivenciadas por ele? Como se organiza para *os usos* desses tempos? Embora saibamos que se trata de um tempo *khronos* demarcado por um período da jornada de trabalho semanal, tais questões nos instigaram a *compreender* como são os usos pensando o tempo como possibilidade simultânea.

Assim, a questão dos *usos* (CERTEAU, 2011) que professores fazem dos tempos da jornada fora da sala de aula passou a me instigar. E aqui cabe ressaltar que não me interessava apenas pesquisar **quais** são esses usos, listando-os ou enumerando-os, mas compreender **como** são estes usos e a partir de quais circunstâncias eles acontecem.

O *sonho* em pesquisar, aprimorar meus conhecimentos continuara... Foi quando no ano de 2011 realizei a seleção para o Curso de Mestrado da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). A aprovação no programa de pós-graduação da UFSJ confirmou o desejo de (re)começar as *artes de fazer* (CERTEAU, 2011) pesquisa... E *pesquisar* por si só já é um movimento de procura, de (re)descoberta, de (re)construção. Só procura quem se acha insatisfeito, curioso, quem se sente desafiado pelo mundo... (AZEVEDO, 2001). Era este o sentimento!

Iniciado o curso de mestrado em março de 2012, o projeto aprovado foi sendo tramado e redesenhado com fios que iam sendo puxados e tecidos, formando novas significações até que chegasse ao real interesse, que é pesquisar sobre os *usos* dos *tempos* fora da sala de aula. Já tínhamos clareza que os *usos* são múltiplos e que cada ser possui tempos também múltiplos. Penetrar nessa compreensão seria um desafio. Desafio para o qual o projeto de pesquisa me lançou.

Desse modo, neste trabalho, apresento as compreensões que mais me marcaram sobre o estudo. Por vezes, a leitora e o leitor irão perceber que optei por usar ora a primeira pessoa do singular, ora a primeira pessoa do plural. Afinal, este trabalho é fruto tanto de ações individuais quanto da participação de vários outros sujeitos, já que *a ciência é um empreendimento coletivo* (PRIGOGINE, 2011, p. 202).

*“Gosto de dar-lhe os nomes de usos, embora a palavra designe geralmente procedimentos estereotipados recebidos e reproduzidos por um grupo, “seus usos e costumes”. O problema está na ambiguidade da palavra pois, nesses “usos”, trata-se precisamente de reconhecer “ações” [...] que são a sua formalidade e sua inventividade próprias”. Assim os usos a que me refiro trata-se das ações, dos saberes-fazeres.* (CERTEAU, 2011, p. 87-88)

*“O sonho encheu a noite  
Extravasou pro meu dia  
Encheu minha vida  
E é dele que eu vou  
Viver  
Porque sonho não  
Morre.”*  
(ADÉLIA PRADO, 2014)

Cabe informar, também, que o uso das caixas de textos utilizadas ao lado direito da página é uma tentativa de ampliar a leitura em outros dizeres, trazendo conceitos, pensamentos e teorias de autoras e autores com os quais dialoguei, permitindo, talvez, uma narrativa mais leve ao *narrar a vida e literaturizar a ciência* (ALVES, 2001) sem, no entanto, perder o rigor científico.

Num cruzamento de vozes, falam eu, as autoras e os autores, as professoras coautoras... Ao narrar, eu, pesquisadora, também participo do que narro... Trago sentimentos que estiveram/estão presentes em minha vida... Trago experiências que aconteceram, que me tocaram...

Neste convite inicial, procurei narrar o percurso das *redes* de conexões que me levaram a querer (re)começar nas *artes de fazer* (CERTEAU, 2011) pesquisa, bem como a construção da temática em estudo. No próximo item, apresentamos os *caminhos* e *percalços* que foram trilhados durante o caminhar deste estudo.

*Alves (2001) define cinco movimentos que possibilitam que as lógicas dos cotidianos escolares sejam decifradas. Embora tais movimentos foram descritos para decifrar o cotidiano nas/das escolas, consideramos pertinente trazer o movimento um desses movimentos para o estudo que propomos.*

*“A metáfora da rede, com seus fios, seus nós e seus espaços esgarçados, nos permite historicizar a nós mesmo, a nossos pensamentos e a nossos atos, se entendemos que nada surge do nada, que tudo, de alguma forma está ligado a tudo, aí incluídos os imprevistos, os acasos, os lapsos, as fraquezas.”*  
(AZEVEDO, 2001, p. 60)

## 2 FIOS QUE COMPÕEM A *ESCRITURA*: OS CAMINHOS DA PESQUISA

### Renda-se como eu me rendi

Renda-se, como eu me rendi.  
Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei.  
Não se preocupe em entender,  
viver ultrapassa qualquer entendimento.

(CLARICE LISPECTOR, 2014b)

Foi *mergulhando e vivendo* que me rendi ao que apresento à leitora e ao leitor desta dissertação. Por certo, múltiplos e complexos fios se entrecruzam na *escritura* (CERTEAU, 2011) deste trabalho que procurou compreender como são os usos dos tempos da jornada de trabalho fora da sala de aula de professoras da rede Municipal de Juiz de Fora. E compreender a realidade, ou pelo menos se propor a compreendê-la, pressupõe *escolhas*.

As escolhas que foram realizadas durante o caminhar da pesquisa configuraram percursos que, ao nos permitir entender a política de organização da jornada de trabalho do professor da rede municipal de ensino de Juiz de Fora (JUIZ DE FORA, 2012a), possibilitaram uma compreensão das *maneiras de fazer*, bem como os *usos* (CERTEAU, 2011) de professoras em relação aos tempos legalizados fora de sala de aula.

Contudo, para se chegar a uma compreensão, muitos foram os caminhos trilhados e percorridos, pois sempre há um outro olhar, bem como outros sentidos para compreender e perceber o mundo. Os caminhos foram vivenciados, de modo que evidenciava o *saber da experiência* conforme o descrito por Larrosa (2002), de modo a me tocar, me formar, a me transformar. Foi uma comunhão de conhecimento e vida humana, e vice-versa.

*“Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e, de alguma maneira, impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. [...] o saber da experiência sublinha, então, sua qualidade existencial, isto é, sua relação com a existência, com a vida singular e concreta de um existente singular e concreto. A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriarmos de nossa própria vida.”*  
(LARROSA, 2002, p. 27)

Desses caminhos transformadores que tiveram a investida no/do *saber da experiência*, posso afirmar que um dos primeiros que foram vivenciados foi aquele com o qual me deparei logo ao ingressar no Curso de Mestrado. Desde o início do mestrado, mais do que escolher a perspectiva de construção e de análise do estudo, o que me inquietava era a necessidade, como algo obrigatório, de encontrar um *método* de pesquisa que fosse se adequar melhor ao meu estudo. Esse entendimento ou percepção é um dos assuntos que são produzidos nos corredores das salas de aulas dos programas de pós-graduação.

Grande desafio! Difícil caminho de tentar encontrar um *método* se ainda não havia feito os (des)arranjos e (des)construções, tramado outros fios do projeto aprovado para ingresso no Programa da UFSJ. Por isso, com o curso das disciplinas e com os encontros de orientação, fui (re)construindo o projeto inicial até que chegasse na intenção real do estudo, que é a de compreender como são os usos que professoras da rede municipal de Juiz de Fora fazem dos tempos da jornada semanal de trabalho fora da sala de aula.

Definida a questão basilar da investigação, após alguns encontros de orientação, voltei a pensar nas trilhas à procura de um *método* que poderia usar para compreender como são os usos, bem como as pessoas que fazem tais usos. Embora sejam discursos inconclusos, esta é uma preocupação e um dos “calcanhares de Aquiles” dos discentes ao pensar e organizar o projeto que será realizado. Por isso, voltei a pensar sobre tal inquietação.

Perguntava-me: como trilhar o caminho do método se ainda algumas questões em mim estavam latentes? Na verdade, me incomodava o fato da necessidade de ter um método específico, como sempre compreendi a partir das leituras de pesquisas, pois eu nunca desejei o método engessado como posto pela ciência Moderna, no qual existe uma verdade, universal e absoluta.

Desejava, no entanto, pesquisar minha questão a partir de um movimento flexível. Os caminhos deveriam ser traçados durante o percurso... Esse entendimento veio corroborar a minha intenção, e passei

*“O pensamento moderno tentou enquadrar o mundo dentro de um modo legal, determinista.” (AZEVEDO, 2001, p. 61)*

a compreender o *método* de forma literal, como caminho... Esse foi um traçado importante!

Possuir um caminho, uma direção... Essa também foi a conclusão a que cheguei a partir de um dos encontros de orientação com a professora Romélia. Recordo-me que conversávamos sobre minha inquietação quanto à rigidez da ciência Moderna no que se refere à precisão de seguir um método com um determinado aporte teórico específico. Metaforicamente, nas sábias palavras da professora, ela dizia que, se pássaros, não precisamos ficar presos em uma gaiola; temos que alçar voos, deixar-nos voar, porém esses voos precisam de uma direção, um caminho a ser percorrido. Na verdade, um objetivo! Era isso que eu pensava e escutar me fez ficar mais calma e tranquila em relação a escolha do método. Foi um rompimento com o discurso de que os estudos investigativos devam seguir uma determinação que nos leva a fazer as coisas de uma única maneira e forma.

Os versos da professora Romélia foram víveres para que eu compreendesse melhor e mais claramente o método como caminho... Entendendo que esse caminho poderá estar permeado por diferentes situações incertas... E, alicerçado às palavras de orientação, o fato de *navegar nos mares das incertezas e da criatividade* (NAJMANOVICH, 2003, p. 34) me instigava.

Percorrido um dos caminhos da questão do *método*, até aqui, já me sentia um pouco mais suavizada quanto ao fato de que meu estudo não seguiria um caminho pronto, preestabelecido *a priori*. Estava claro que o estudo viria a ser (des)construído durante o percurso. Foi então que passei a realizar leituras e estudos mais específicos que me direcionavam para a temática em questão. Num primeiro momento, procurei (*re*)visitar alguns estudos já realizados tendo como foco o tema que apresento. A ideia dessa trilha/movimento era a de melhor situar a temática dentro da área de pesquisa da qual meu estudo faz parte, a partir de uma contextualização.

Interessou-me compreender como são os usos que os professores da rede municipal de Juiz de Fora estão fazendo da carga horária fora de sala de aula, mesmo sabendo que o município está, ainda, a partir de

**Método** (do grego *Méthodos*, *mét' hodos*), significa, literalmente, “caminho para chegar a um fim”. *Método é o caminho. Desse modo, entendo que métodos podem ser construídos durante o caminhar.*

*“Na atualidade, depois de vários séculos sob o império do método, hipnotizados ainda pelo discurso moderno, estamos começando – ainda que timidamente – a sacudir-nos com o jugo deste feitiço metódico, a navegar nos mares da incerteza e da criatividade.”* (NAJMANOVICH, 2003, p. 34)

reivindicações sindicais e acordos municipais, tentando de fato implementar a lei que lança força à temática de estudo, Lei 11.738/2008 (BRASIL, 2012). Trata-se de uma lei federal que institui, entre outras coisas, que, na composição da jornada de trabalho do professor, observar-se-á o limite máximo de  $2/3$  (dois terços) da carga horária para o desempenho das atividades de interação com alunos e, no mínimo,  $1/3$  da jornada de trabalho para as atividades extraclasse.

Assim, entre aproximações com o meu tema de pesquisa, procurei me debruçar essencialmente sobre os tempos de professores, bem como sobre os seus usos fora e dentro da sala de aula. Para tanto, fiz um recorte nessa ilimitada rede de estudos do campo educacional existente no Brasil, resgatando os trabalhos do período de 2009 até 2012. A escolha por esse período específico tem por base a aprovação da Lei 11.738 em 2008 (BRASIL, 2012), que, de certa maneira, está atrelada à temática em questão. Portanto, busquei pesquisar, através de estudos, pesquisas e artigos que se têm produzido nos últimos anos, sobre os tempos de professores a partir do amparo legal que instituiu a composição de carga horária diferenciada para os docentes.

Tendo a delimitação temporal estabelecida, elenquei alguns descritores – “tempos escolares”, “tempo do professor”; “lei 11.738/2008” – e a interlocução entre esses na tentativa de conhecer o que se falou ou se tem falado sobre a temática. A busca foi realizada no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em revistas indexadas na biblioteca eletrônica do *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e nos Grupos de Trabalho da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd).

Na busca da produção, encontrei alguns trabalhos que se aproximam relativamente da temática em estudo. Relativamente porque não fora encontrado nenhum trabalho que trouxesse especificamente reflexões a respeito dos tempos de professores que remetessem à legislação ora citada. Penso, sobretudo, que as reflexões a partir do amparo legal podem, grosso modo, tornar os estudos apenas discussões

do tempo *khronos*, já que se trata do aumento da carga horária voltada para desenvolvimento de atividades extraclasse.

Como não é o interesse principal de meu trabalho compreender os usos dos tempos somente a partir da lei 11.738/ 2008 (BRASIL, 2012), julguei importante fazer, desta vez, uma pesquisa mais minuciosa, usando em cada mergulho apenas um dos seguintes descritores: ora tempos escolares, ora tempo do professor. A escolha por tempos escolares é por entender que, se existe uma determinada compreensão para os diferentes tempos da escola, esta refletirá também nos tempos de professores. Nesses mergulhos, um material significativo foi encontrado. Porém, foi preciso selecioná-los a fim de se fazer um cruzamento das informações, tendo como foco os tempos escolares e os atores envolvidos, bem como os tempos escolares e os tempos de professores.

Das buscas realizadas e selecionadas, alguns trabalhos nos permitiram algumas reflexões, levando em consideração o entrecruzamento realizado, bem como o recorte temporal focalizado. Cabe ressaltar que, para referência aos trabalhos, utilizo o ano de publicação, e não o ano de acesso.

No campo das reflexões sobre os tempos escolares, Parente (2010) analisa a concepção de tempo considerando sua construção sócio-histórica e cultural e defende que não é possível explicar a escola apenas pelos aspectos que se apresentam na atualidade. Em razão disso, apresenta algumas heranças históricas dos tempos escolares mostrando que estes são construções e, por isso mesmo, passíveis de transformações. Ao apresentar diferentes noções a respeito dos tempos escolares, o estudo incita a busca de inovações políticas e escolares que produzam alternativas aos tempos escolares vigentes e indica a necessidade de se construir tempos escolares mais humanos, mais atentos às necessidades dos sujeitos da educação.

Ainda sobre tempos escolares, Pinho e Correia (2012), numa tentativa de compreender e reconstituir as formas de institucionalização e organização do tempo escolar em escolas com classes multisseriadas da Ilha de Maré (Salvador – BA), procuram construir perspectivas curriculares para o ensino fundamental que sejam adequadas aos sujeitos

que frequentam esses espaços educativos, através de conteúdos, atividades e processos que respeitem e integrem as temporalidades e ritmos locais. O estudo aponta que a institucionalização do tempo escolar, seja por meio da legislação nacional ou municipal, apresenta concepções que se distanciam em muito das formas de organização do tempo escolar e das temporalidades e ritmos dos sujeitos concretos que frequentam e dão vida a esses espaços escolares.

Esses estudos buscam substancialmente apresentar que existem diferentes formas e possibilidades de organização e usos dos tempos escolares. Porém, de acordo com as pesquisas, essas possibilidades estão à margem de uma organização institucionalizada, marcada apenas por determinados ritmos, sem levar em consideração os sujeitos envolvidos e que dão vida aos *temposespaços* escolares. Assim, os trabalhos apontam para a necessidade de uma ruptura com as formas de conceber os tempos escolares tendo em vista os diferentes tempos vividos pelos sujeitos envolvidos na/da escola.

Ainda no campo do descritor “tempos escolares”, embora os trabalhos de Esquinsani (2009), Fetzner (2009), Leclerc e Moll (2012) tragam uma contribuição a respeito da discussão mais ampla sobre os tempos escolares e os atores envolvidos, eles apresentam, essencialmente, reflexões direcionadas às organizações da escola para a educação de tempo integral e do ensino em ciclos de formação.

Os trabalhos até então apresentados foram trazidos para a reflexão compreendidos como estudos que procuram discutir como a maneira de conceber o tempo interfere substancialmente na organização escolar e na vida dos envolvidos no processo educacional. Assim, o que podemos inferir é que a forma como as professoras que participam deste estudo concebem o tempo irá interferir significativamente em suas práticas. Isso nos instiga a pensar na seguinte questão: como as professoras compreendem os tempos fora da sala de aula? Pergunta essa que é basilar de minha pesquisa.

Em relação ao descritor “tempos de professores”, pouca produção foi encontrada. Na verdade, os trabalhos garimpados a partir da expressão delineada pouco revelam sobre a temática que buscamos. Mais



uma vez, direcionam-se a tratar da extensão da permanência dos alunos na escola, sobre o processo de formação de professores tendo em vista a realidade das escolas (REIS, 2011) ou, ainda, sobre os currículos praticados nas escolas (KRETTI, 2009; ROSA, 2012), tendo o professor como um dos agentes transformadores da estrutura curricular. Assim, a produção científica em termos de pesquisa sobre os tempos vividos e experienciados pelos professores na perspectiva colocada neste trabalho ainda é muito incipiente.

A incipiência de trabalhos trazendo reflexões sobre o tema também já havia sido apontada em um estudo (MARQUES, 2012) que teve como objetivo realizar um estado da arte das produções em educação, no período de 2003 a 2007, com a temática *O tempo na/da educação*. Quando fez o recorte do trabalho a fim de pesquisar a produção de trabalhos a partir da expressão o “tempo do professor”, Marques (2012) encontrou apenas dois trabalhos com a referida temática no período delineado.

Esse quadro me impulsionou ainda mais para tecer a pesquisa que então me propus. Sabia, entretanto, que estava me arriscando em um campo ainda pouco explorado. Contudo essa garimpada, ainda que tenha explorado poucos trabalhos, me permitiu, com mais veemência, assinalar as possibilidades e as escolhas que ainda estavam por vir.

Após a leitura e o estudo dos trabalhos, passei a me organizar para compreender e entender as diretrizes legais para a organização da jornada semanal de trabalho do professor da rede municipal de Juiz de Fora. Para isso, após o envio de um ofício solicitando autorização para o setor competente, me dirigi à Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora (SME/JF) a fim de tomar ciência da legislação vigente. Nas idas e vindas à SME/JF, muitos foram os (des)caminhos... Estes serão relatados no próximo item, visto que representam compreensões necessárias para o percurso.

O contato com as fontes escritas oficiais foi mais do que um ato de leitura; tornou-se compreensão, na medida em que tais documentos são diretrizes para a organização do que acontece nas escolas e, conseqüentemente, nos usos que professores estão fazendo dos tempos

fora de sala de aula. Daí a importância de se verificarem e se compreenderem as fontes oficiais e a busca de informações junto à SME/JF.

Entendidas as lógicas dos documentos regulares, concomitante a diversas leituras de autoras e autores que estão sendo utilizados aqui, passei a pensar, logo em seguida, de maneira mais consistente e com maior afinco, nos encontros com as professoras que me ajudariam na *tecedura* de narrativas/conversas a respeito da investigação proposta.

É importante ressaltar que os encontros, inicialmente, foram pensados tendo como possibilidade o uso de uma dada técnica, porém, mais uma vez, estava me deparando com a rigidez Moderna. Após o exame de qualificação desta pesquisa, ficou muito claro para mim que, mediante a natureza do estudo, do formato do texto, das diferentes possibilidades de interpretação, não teria sentido seguir uma técnica específica que seria utilizada como coleta de dados. Não se tratava, em sua essência, de uma técnica, mas de um movimento que se traduz em assumir a epistemologia da *complexidade* (MORIN, 2007). De tal modo que não há coleta de dados, eles são (des)construídos.

Ao assumir o paradigma da *complexidade*, estou entendendo-o como aquele capaz de permitir uma aproximação maior com o real em sua *multidimensionalidade* (MORIN, 2007).

Assim sendo, a intenção era que nossos encontros tomassem o rumo da *arte de conversar* (CERTEAU, 2011) e que as nossas *conversas* emergidas, levassem em consideração as especificidades de cada sujeito, encarando-os como seres sociais, expressivos e que se constituem através das relações que estabelecem como o meio. Nesse sentido, os encontros seriam constituídos de *narrativas* de sujeitos comuns, que, assim como eu, são considerados *heróis comuns* (CERTEAU, 2011).

Essa minha escolha define o *método/caminho* que utilizo em meu estudo – o uso de *narrativas*. Isso significa que, ao narrarmos ou ao conversarmos, estamos praticando uma arte que produz efeitos e é transformadora.

A partir dessas narrativas é que foi possível tecer a compreensão que me propus a pesquisar, que é sobre como são os usos dos tempos de

“A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (complexus: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambigüidade, da incerteza.”  
(MORIN, 2007, p. 13)

“[...] a arte de conversar: as retóricas da conversa ordinária são práticas transformadoras “de situações de palavra”, de produções verbais onde o entrelaçamento das posições locutoras instaura um tecido oral sem proprietários individuais, as criações de uma comunicação que não pertence a ninguém. “A conversa é um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular “lugares comuns” e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los ‘habitáveis’.”  
(CERTEAU, 2011, p. 49).

professoras da jornada de trabalho fora da sala de aula. Ao optar pelas narrativas, me aproximo mais da perspectiva *teórico-político-epistemológico-metodológica* da complexidade.

Desse modo, tendo feito algumas escolhas e me respaldando na perspectiva aqui descrita, fui tecendo o estudo realizando, ainda, escolhas... Essas foram sendo organizadas durante o caminhar e dizem respeito aos encontros agendados e à escolha das professoras coautoras deste estudo.

## **2.1 Os encontros e suas organizações**

À medida que fazia as disciplinas do Curso de Mestrado, adentrava em mais questionamentos. Esse é um processo válido. A dúvida é o que me movimenta na busca de apontamentos. Na procura de fios outros que comporão outras tramas. Entre os questionamentos, estava o de como iria, de fato, se desenrolar a minha questão que fora sendo (re)construída até que chegasse à real intenção?

A leitura e a compreensão da legislação específica a que remete o estudo foram indícios para que eu continuasse a traçar caminhos diferentes dos que havia imaginado. Parece que as coisas foram se ajeitando à medida que o traçado ia sendo percorrido. Com passos *regulares e ziguezagueantes* (CERTEAU, 2011), a pesquisa foi tomando uma direção.

Assim, a maneira como o processo de pesquisa foi se constituindo ficou mais clara somente a partir do momento em que comecei a organizar os encontros com as professoras.

Para a composição do grupo de professoras que auxiliaram na *tecedura* da pesquisa, decidi, junto à professora orientadora, convidar docentes que, por diferentes motivos, fossem de fácil acesso e aceitassem o convite.

Entre pessoas já conhecidas e pessoas indicadas, formou-se um grupo com oito professoras que aceitaram o convite para conversarmos coletivamente sobre como são os usos dos tempos da jornada de trabalho fora da sala de aula em dois encontros previamente agendados. As datas

– inicialmente agendadas via telefone – para os encontros tiveram que ser remarçadas por ocasião da greve do magistério municipal no período de 23 de abril a 20 de maio de 2013. Portanto, os encontros ficaram marcados para os dias 25 de junho de 2013 e 9 de julho de 2013 e foram realizados em uma sala localizada na região central de Juiz de Fora. A opção por uma sala locada no centro da cidade justificou pela facilidade de acesso e por se tratar de um espaço onde as professoras pudessem ficar mais à vontade em seus depoimentos.

Remarçadas as datas, o nosso grande embate foi o horário. Como as professoras dispõem formalmente, nas escolas em que atuam, apenas de um momento para as discussões coletivas, pensamos ser mais propício marcar os encontros para que ocorressem após o expediente. Mas qual expediente se, no grupo que estava em formação, existiam algumas professoras que só atuam no turno da manhã, outras nos turnos da manhã e tarde e uma nos turnos da manhã e da noite? Momento conflitante...

A solução encontrada e sugerida por uma professora foi a de fazer um documento para as escolas solicitando autorização para que, no dia e horário marcados, as professoras pudessem ser dispensadas das atividades escolares para participar da pesquisa, porém com o compromisso do regresso após cada encontro. Nesse momento, pensei que não iria dar certo, bateu uma insegurança! Até porque as professoras haviam acabado de voltar de um movimento grevista no qual, dentre as reivindicações apresentadas, a principal foi a destinação de um terço da jornada de trabalho às atividades extraclasse – compreensão singular de nosso estudo.

Passado o receio da imaginação de certezas, comecei a caminhar tendo como aliada a *dinâmica das probabilidades* (PRIGOGINE, 2002). As coisas não estão determinadas, isto é, por que tenho que pensar que as escolas, *a priori*, iriam negar o meu pedido de autorização? Para descobrir se iriam ou não, teria de ir até cada uma delas.

Então, comecei a ir às escolas. Fui a cada escola das professoras que já haviam aceitado o convite, expliquei a pesquisa à direção ou à coordenação pedagógica e pedi a autorização para que as docentes pudessem, junto comigo, tecer a pesquisa. Surpreendentemente, as quatro

escolas em que as professoras atuavam autorizaram suas participações entendendo a relevância do tema pós-movimento grevista.

Desse modo, os encontros foram marcados para os dias 25 de junho e 9 de julho com o início às oito horas e com previsão de duração de uma hora e meia.

Agendado para o dia 25 de junho, o primeiro encontro teve como foco a apresentação mais detalhada do trabalho, a apresentação pessoal de cada uma das professoras, que explicitariam sua formação, escola em que trabalha e como é a jornada de trabalho. No segundo encontro, realizado em 9 de julho, a discussão do tempo da jornada de trabalho fora da sala de aula foi colocada em pauta para a conversa.

As falas proferidas nos círculos montados em cada encontro foram capturadas em dois gravadores, posicionados em locais diferentes a fim de assegurar um áudio mais preciso. Na transcrição das conversas, procurei realizar algumas inserções para facilitar a fruição do texto escrito, retirando os vícios e marcas de linguagem usados coloquialmente, porém preservando os sentidos das falas.

Encontros marcados, mas a formação do grupo de professores coautores deste estudo ainda estava sendo construída... Como já dito, a intenção e a orientação foram de que a composição dos professores participantes da pesquisa fosse com aqueles que aceitassem o convite.

As oito professoras que participaram dos dois encontros assinaram um termo de autorização (apêndice A), admitindo os usos das narrativas/conversas que seriam obtidas em nossos encontros por meio das gravações. E, para as docentes, foi entregue um termo de compromisso (apêndice B) assinado por mim, pesquisadora, ratificando os usos das narrativas como elementos de problematização para o estudo e em futuros trabalhos acadêmicos.

Somadas à pesquisadora, são *mulheres professoras pesquisadoras mães esposas* que, juntas, conversaram sobre a temática de estudo. Suas falas, impressões e incertezas foram utilizadas para compor esta dissertação. Eis que apresento essas mulheres, heroínas do cotidiano, *caminhantes inumeráveis...* (CERTEAU, 2011).

## 2.2 As professoras

Chegar até as professoras que aceitaram o convite para participar comigo da pesquisa não foi tarefa muito fácil. Até porque eu não atuo na rede municipal de ensino de Juiz de Fora. Mas o grupo foi se formando a partir de indicações e aproximações, como *coisas naturais da vida...*

Considero interessante registrar que, com todas as professoras que aceitaram o convite em participar do estudo, fiz, inicialmente, contato via telefone ou através de e-mails que foram repassados por colegas em comum.

O grupo começou a ser montado a partir de uma exposição minha do estudo a algumas pessoas. Assim, as primeiras tentativas para a composição do grupo foram realizadas em conversas com um professor que trabalhava comigo em uma instituição de ensino. Falei com ele a respeito da pesquisa e da intenção de compor um grupo de professores. Seu interesse em participar estava claro e afirmou que iria me auxiliar na busca de mais docentes que também se dispusessem a participar do estudo.

Tão logo esse professor me passou o contato telefônico de uma amiga – a Rute –, entrei em contato com ela e, junto à Rute, veio a Adélia. Por questões profissionais, o professor mencionado não pôde participar, mas indicou as duas professoras que aceitaram compor o grupo.

É importante ressaltar que, para identificação das professoras são utilizados pseudônimos e mais à frente, será explicitada a forma como tais pseudônimos foram escolhidos.

Foi também a partir de conversas que a Rachel aceitou o convite. A Rachel eu já conhecia há alguns anos, pois ela foi minha professora no ensino fundamental. Como a encontrava nos corredores da Faculdade de Educação da UFJF, comecei a falar da pesquisa e, um dia, perguntei-lhe se aceitaria participar:

*Rachel: \_ Quando a Jaqueline me convidou, aceitei, mas com vergonha de dizer que não. Imagina como é estranho: a minha*

*ex-aluna fazendo mestrado, e eu sendo entrevistada?! Mas, quando conversei com meu marido, fiquei com muito orgulho disto.*

Com a Rachel, vieram a Cecília e a Cora, que, prontamente, aceitaram o convite. Para confirmar com essas professoras, fiz questão de ir até a escola onde trabalham, que é uma das escolas em que estudei. Que saudade da época de escola. Quantas recordações!

Dos bancos do período da faculdade, vieram a Anne e a Ana Maria, que cursaram algumas disciplinas comigo. Encontrá-las um dia não foi por acaso. Como professoras são *boas de assunto*, num inusitado encontro, conversei e fiz o convite às duas colegas.

E, por fim, apareceu a Clarice. A Clarice trabalha comigo e, assim que assumiu o contrato como professora do município de Juiz de Fora, ofereceu-se para compor o grupo.

O agradecimento a essas mulheres foram palavras iniciais e finais durante as conversas em que tivemos. Sei como é difícil o aceite em participar de uma pesquisa, ainda mais quando se trata de um assunto tão pessoal.

*Jaqueline: \_ Então, obrigada mais uma vez a todas.*

Feitos os convites e já tendo sido marcadas as datas, eis que chega o primeiro encontro. Um pouco tímidas e receosas, apesar de eu já conhecer algumas das professoras, iniciamos as nossas conversas com uma explicitação minha sobre o estudo e, depois, partimos para as apresentações. Como já me apresentei passo, então, a palavra a elas:

*Rute: \_ Eu sou a Rute, fiz magistério e depois cursei Letras pelo CES. Quando fiz o Curso, já trabalhava na Prefeitura com as séries iniciais, hoje são os anos iniciais. Então, trabalhava e estudava. Quando formei no CES, comecei a dar aulas particulares de português, pois pensei que não queria e ia dar conta de trabalhar com os alunos maiores. Aí fiz o concurso da prefeitura e passei e também gosto dos maiores. Então, hoje atuo tanto com os anos iniciais com uma turma de 3º ano e nos anos finais com aulas de português e produção para os 6º e 7º.*

A professora Rute não tem filhos e trabalha nos dois turnos na mesma escola em que a Adélia atua. Com o objetivo de resguardá-las, ao se referirem à escola, optei por designá-la como “X”.

*Adélia: \_ Eu sou a Adélia, formada em Pedagogia pela UFJF e trabalho também na escola “X”. Há uns oito anos, atuo nessa escola. Sou especialista em Psicopedagogia e pretendo um dia fazer também o Curso de Psicologia [...]. Sou casada e muito feliz ao lado da minha família linda. Tenho um casal de filhos.*

A professora Adélia relatou que pretende estudar Psicologia para ajudar de forma mais substancial um de seus filhos, que possui Síndrome de Down.

Nas falas das professoras Rachel, Cora e Cecília, quando estas fazem referência ao nome da escola onde atuam, este foi representado por “Z”.

*Rachel: \_ Eu sou Rachel, ex-professora da Jaqueline e, atualmente, professora de um monte de gente na “Z”. Atuo como professora de reforço escolar e também com o conteúdo de artes para os anos iniciais [...]. Este ano, completei no início do ano 18 anos de carreira, pois, antes de trabalhar na prefeitura, eu dava aula, perto da minha casa, de alfabetização. Foi quando concluí o magistério. Quando formei, comecei a trabalhar na prefeitura e já tinha os meus 3 filhos [...]. Meu curso superior é em Normal Superior. Então, entrei na prefeitura com o magistério e depois também fiz o Normal Superior, esse é mais recente. Lutei também para fazer. É muito texto, trabalho, mas fiz e consegui. E aí, dando aulas, comecei a sentir que o que aprendi há anos não serve muito mais. Mas sei que têm coisas que ainda servem. Foi então que comecei a procurar e me interessei em estudar e procurar grupos de estudos com foco na alfabetização.*

*Cora: \_ Eu sou Cora e convivo com essa ‘peça’ [aponta para Rachel] lá na escola “Z”. Sou formada em Pedagogia pela Estácio e me apaixonei pelas Libras. Já fiz alguns cursos na área de Libras. Lá na “Z”, atuo também como intérprete de Libras. Sou casada, mas ainda não tenho filhos [...]. Além do Curso de Pedagogia, logo em seguida, fiz uma pós em História Afro e amei o curso também. Essas duas áreas me interessam muito, que é a de Libras e sobre os Negros no Brasil.*



*Cecília: \_ Eu sou a Cecília e também trabalho na escola “Z”. Sou formada em magistério e fiz o Curso de Pedagogia. Fiz também uma pós [...]. Eu não sou casada, mas tenho uma menina linda de 4 anos. Trabalho há 9 anos com educação e também amo o que faço. É cansativo, mas me dá muito prazer.*

Nas referências ao nome da escola onde atuam as professoras Anne e Ana Maria, optei por utilizar a letra “W”:

*Ana Maria: \_ Eu sou professora efetiva da prefeitura há uns 22 anos. Também fiz magistério, tive meu filho e depois voltei a estudar para fazer o curso superior. Comecei a fazer o curso e tive que parar e depois voltar. Atuo na escola “W” com os anos iniciais. E também tenho essa mesma sensação, Cecília. É muito bom quando o aluno aprende. Todas nós sabemos como é uma profissão difícil a nossa, mas quebramos a cabeça e continuamos. É como a Rachel falou, a gente insiste e não desiste. A gente é brasileiro e vai.... A gente bate, bate na tecla até conseguir. Às vezes, dá vontade de parar, dá... isso dá. Mas vamos fazer o quê? Trabalhar com o quê? A gente gosta do que faz, né? E aí, mesmo sabendo que o salário é muito baixo, a gente tá lá. O salário pode melhorar um pouquinho quando o professor tem pós, mestrado, doutorado, dá para subir um pouquinho, mas em compensação o que desconta de imposto, nossa mãe! Um dia, minha colega me mostrou, e ela tem mestrado e recebe pelos dois cargos, nossa, um absurdo de imposto. A verdade é que a gente vive reclamando, mas não saímos. Então, assim, é porque a gente gosta, né? Senão... se a gente não gostasse, a gente não ficaria.*

*Anne: \_ Eu sou Anne, formada em Pedagogia e trabalho desde 2006 na prefeitura. Hoje, trabalho na escola “W”. Acho que devo ser a mais nova em termos de tempo de serviço. Mas isso não significa menos atuante [risos]. Na escola, quando cheguei, sempre falavam “é com a mais novinha”, “é a novata” e tal. Isso é horrível, pois parece que só as novas que levam a culpa. E as novinhas são taxadas como as cheias de gás, as que gostam de inventar um monte de coisas [...]. Escolhi fazer depois do curso uma especialização em História Social e Cultural Brasileira.*

A professora Anne ainda não tem filhos, não é casada e se diz militante do Sindicato dos Professores do município de Juiz de Fora (Sinpro/JF). Considera importante a representação, mas, para além da representação, acha relevante e necessária a participação efetiva nas decisões coletivas do sindicato.

Na referência ao nome da escola onde atua a professora Clarice, utilizo a letra “Y”.

*Clarice: \_ Eu sou Clarice. Sou formada em magistério e depois formei em Letras. Meu curso de Letras foi realizado por etapas, pois meu esposo sempre era transferido. Por isso, demorei em atuar como professora. Hoje, trabalho na escola “Y” no turno da tarde. Sou casada e tenho um filho.*

Com as apresentações das docentes, concluí que são professoras que atuam exclusivamente no ensino fundamental e possuem a função de professor como atividade principal, isto é, é a profissão escolhida ao se inserirem no mercado de trabalho. Essa constatação vai ao encontro do estudo promovido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) que teve a coordenação de Gatti e Barreto (2009), o qual traz que, para a maioria dos professores do Brasil, a docência não é entendida como um trabalho complementar.

Nas apresentações, além das falas mais comuns, tanto no campo pessoal – como ter filhos ou não, ser casada – quanto no campo profissional – explicitar a formação, as escolas em que trabalham, o tempo de atuação, também foram identificados vários outros pontos, e alguns deles me chamaram a atenção, visto que fazem parte da história de vida das professoras. Essas colocações foram surgindo sem seguir roteiros prontos. O bom da conversa é isso, não se privar quanto a *mudar de assunto...*

Um dos assuntos sobre os quais conversamos foi o interesse de algumas professoras em continuar os estudos com o objetivo de aprofundamento *teóricoprático*.

*Cecília: \_ Já tentei o Mestrado umas duas vezes, mas ainda não consegui ser aprovada. É difícil para quem não está estudando lá dentro nos grupos de pesquisa. Mas não vou desistir não.*

*Jaqueline: \_ Isso, não desiste não. É que quem convive com grupos de pesquisa compreende a dinâmica, os passos de uma pesquisa, pode ficar mais fácil na hora de escrever um projeto. E, para quem ainda não tem esta vivência, pode realmente ficar mais difícil, mas não impossível.*

*[...] “os professores são uma categoria profissional mais homogênea quanto ao nível de escolaridade, um dos requisitos que, ao lado da grande regulamentação que cerca o exercício da profissão docente, contribui para a sua organização legal e corporativa e lhes concede um estatuto reconhecido socialmente.” (GATTI; BARRETO, 2009, p. 16)*

*Anne: \_ [...] gostei demais do Curso e depois comecei a escrever pensando o que poderia pesquisar e escrever para um projeto de mestrado. Na verdade, estou finalizando um projeto para tentar o mestrado.*

O desejo de fazer um curso de pós-graduação *stricto sensu* é fomentado pela perspectiva de crescimento pessoal, profissional e acadêmico. Estudar, continuar se aprimorando, participar de grupos de estudos, conhecer novas teorias, discutir coletivamente... Vi claramente essas expressões nos olhos das professoras quando relataram a aspiração pela aprovação nesses cursos e programas. Além do mais, querer um nível de instrução mais elevado é comum entre a maioria dos professores (GATTI; BARRETO, 2009).

Outro assunto que mexeu com o grupo, foi na verdade, o desabafo de algumas professoras em relação a continuarem atuando na área educacional.

*Clarice: \_ [...] comecei a pensar no meu caso. Confesso que já pensei em largar a profissão, pois já trabalhei em diferentes cidades [...], mas ainda não tive, sabe, aquela CORAGEM para largar, falta coragem. Afinal, é isto que estudei! Acho que a gente vai acomodando e vai deixando as coisas assim.*

*Jaqueline: \_ Mas você pensa em largar ainda?*

*Ana Maria: \_ Eu também já pensei. Acho que muitos que já pensaram.*

*Clarice: \_ Já pensei mais vezes sim. Acho que agora não mais. Até porque estou gostando de trabalhar aqui. Mas ainda assim temos muitos problemas. Mas acho que não vou largar não. Também gosto da educação, mas a gente enfrenta muitas coisas que te desgastam. E quando a gente acomoda é aí que está o problema. Porque a gente passa a aceitar qualquer coisa e pensa que nada vai mudar, mesmo se tivermos esforço. É complicado a gente falar, mas sabemos o quanto é difícil.*

Em meio a essa conversa sobre os desafios que a educação nos impõe atualmente, a fala da Anne deixou as professoras pensativas, já que enalteceu a responsabilidade de cada um assumir profissionalmente o papel que desempenha – o de professor.

*Anne: \_ [...] Assim, o que eu penso: eu não estou na educação porque não tem outra opção. Por que às vezes a gente pensa: vou fazer o quê?! Eu estou na educação porque eu escolhi esta profissão. Tem outras coisas para fazer, para você escolher. O que não falta é opção. Às vezes, me deparo com colegas que dizem que não têm nada para fazer se parar de dar aulas, e aí eu pergunto: não é possível que não tenha nada que você goste de fazer?! Você gosta de dar aulas? Gosta, então, ótimo, dedique a dar aulas, faça bons trabalhos e dedique à sua área. Você gosta de costurar, então faça a melhor roupa [...] Porque, sabe, eu fico muito chateada e com raiva com alguns depoimentos como se os professores fossem obrigados a ficar dando aula. Acho que devemos pensar que estamos aqui porque queremos estar aqui, certo? Ninguém está nos obrigando. E não ficar lamentando. Eu entendo e sei e luto por coisas melhores, que não é fácil ser professor no nosso país, cheio de corrupção e tal, mas ficar só lamentando não é solução. Toda escola que você vai só tem professor reclamando [...]. Então, eu acho, assim, qualquer profissão têm suas dificuldades, sabe? Eu sei que não é fácil, e a gente sofre demais por causa, por estar lidando com a educação. Mas vejo e sei também que é possível. Ouvi aqui que algumas colegas de profissão amam o que fazem. E acho que devemos amar mesmo, senão não estaríamos aqui. Mas é preciso também fazer, fazer acontecer, sabe? Ver a mudança no concreto. Senão vamos acabar deixando tudo como está [...]. Precisamos de mais valor, sim, mas também precisamos de uma dose de consciência de nosso trabalho, do papel que a gente exerce.*

*“Certamente, os professores não podem ser tomados como atores únicos, nem de forma independente de suas condições de trabalho, de seus vínculos de emprego, de incentivos e de reconhecimento social para o exercício de suas responsabilidades profissionais.” (GATTI; BARRETO, 2009, p.13)*

Esse espírito narrativo da realidade talvez justifique a escolha da professora pelo pseudônimo Anne, remetendo à Anne Frank. Para a professora, é relevante que o professor tenha consciência de seu papel e que as ações em prol da educação também perpassem pela sua mudança.

E, falando de pseudônimos, cabe explicitar aqui o porquê dos nomes das professoras. Ao final do primeiro encontro, foi perguntado sobre o uso ou não de seus nomes na *escritura* do estudo. A resposta foi inicialmente a preferência por nomes fictícios escolhidos pelas próprias professoras e que remetessem aos nomes de seus alunos.

*“Que maravilha é ninguém precisar esperar um único momento para melhorar o mundo.” (ANNE FRANK, 2014a)*

*Rute: \_ É, eu acho que podemos fazer fictícios.*

*Adélia: \_ Podem ser nomes de alunos nossos, pois não estamos mencionando nada de aluno.*

E, logo em seguida, foi sugerida por uma professora a adoção de pseudônimos de poetisas ou de autoras. Gostei da ideia e disse que poderiam escolher e que ficassem à vontade desde que não repetissem os nomes. Os nomes poderiam ser escolhidos a partir de poetisas ou de autoras de que mais gostassem ou com as quais possuísem alguma afinidade. O desafio foi lançado! Desafio porque, ao apresentarmos a proposta, duas professoras já evidenciaram o interesse em utilizar uma mesma autora. Sei que existem nomes repetidos, mas a ideia foi mesmo de criar esse movimento de procura de nomes da literatura.

Iniciado o segundo encontro, as professoras chegaram entusiasmadas para expressar o nome que tinham escolhido, pois a escolha estava entrelaçada ao gosto e afeição pelas questões literárias de cada uma.

*Rachel: \_ Eu adorei, porque tive que pensar e ligar para a Cora, porque a Cecília já havia escolhido o nome que poderia usar [...]. Achei bem bacana, muito mesmo [...]. Falta à gente resgatar outros nomes que também são importantes para a nossa literatura.*

Nomes escolhidos, passamos à apresentação dos pseudônimos. A professora A tornou-se Cecília (remetendo à Cecília Meireles); a professora B tornou-se Adélia (remetendo à Adélia Prado); a professora C tornou-se Cora (remetendo à Cora Coralina); a professora D tornou-se Ana Maria (remetendo à Ana Maria Machado); a professora E tornou-se Rute (remetendo à Ruth Rocha); a professora F tornou-se Clarice (remetendo à Clarice Lispector); a professora G tornou-se Rachel (remetendo à Rachel de Queiroz) e a professora H tornou-se Anne (remetendo à Anne Frank). Então, Cecília, Adélia, Cora, Ana Maria, Rute, Clarice, Rachel e Anne foram adotados como pseudônimos para as professoras.

Estas são as *mulheres* que me ajudam na *tecedura* deste estudo. Verdadeiras companheiras de conversas. É certo que poderia ser dito mais sobre cada uma delas e também sobre os outros *causos* que emendaram durante as apresentações.

*“Cada mulher pode criar para si um estilo próprio, imprimir um toque especial, acentuando um determinado elemento de uma prática, aplicando-se a um outro, inventando uma maneira pessoal de caminhar através do recebido, ao admitido e do já feito.” (GIARD, 1996, p. 218)*

Este item apresenta os caminhos que foram percorridos até o momento do contato e as primeiras conversas com as professoras. As narrativas das conversas subsequentes serão apresentadas em outro texto, mas, antes de continuarmos apresentando nossos encontros, convido você, leitora e leitor, a conhecer um pouco mais sobre as diretrizes oficiais para a jornada semanal de trabalho do professor do município de Juiz de Fora e as diferentes concepções sobre o tempo. A intenção é que apresentando, esses dois itens, possamos compreender melhor a questão do presente estudo.

### 3 DIRETRIZES OFICIAIS E TEMPOS – ESCRITAS E COMPREENSÕES NECESSÁRIAS

O melhor de tudo é o que penso e sinto,  
pelo menos posso escrever;  
senão, me asfixiaria completamente.

(ANNE FRANK, 2014b)

Neste trabalho, escrevo o que penso e sinto. A escrita nos capacita a mergulhar em diferentes mares e nos permite aproximar lugares, pessoas, conhecimento, compreensões.

E o que escrevo neste texto? Escrevo duas compreensões que julgo importantes para o estudo. A primeira diz respeito à leitura das diretrizes legais que a Secretaria Municipal de Educação instituiu sobre a jornada de trabalho semanal dos professores da rede municipal de Juiz de Fora (MG). E a segunda refere-se à reflexão sobre o foco de nosso estudo – compreender como têm sido os usos dos *tempos* da jornada semanal de trabalho fora de sala de aula de professores da rede municipal de educação de Juiz de Fora – que se desdobra na seguinte indagação: *que tempos são esses fora da sala de aula?*

A escrita dessas duas compreensões num mesmo texto é por entendermos que se, por um lado, as diretrizes funcionam como *estratégicas*, por outro, as reflexões sobre os tempos vivenciados na Atualidade podem servir como *viveres para táticas* (CERTEAU, 2011) de professores. Assim, eis que apresento tais compreensões.

#### 3.1 Diretrizes oficiais

Para compreender os usos que professores fazem dos tempos fora de sala, julguei ser de extrema importância conhecer *a priori*, num contexto macro, as formas de organização da jornada de trabalho fora de sala de aula dos professores que a rede municipal de ensino de Juiz de Fora prescreve nos documentos oficiais. Tratou-se de conhecer quais são

*Para Certeau, o conceito de estratégias refere-se a ações que supõem a existência de um lugar próprio, “capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade”. Isto é, aos sujeitos reais podem ser impostas ações que remetem ao poder.*  
(CERTEAU, 2011, p. 45)

*Já o conceito de táticas refere-se à ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio: “[...] A tática só tem por lugar o do outro”.*  
(CERTEAU, 2011, p. 45)

as diretrizes legais que a Secretaria Municipal de Educação instituiu para os docentes no que se refere à organização da jornada de trabalho semanal.

Afinal, como está organizada a carga horária fora de sala de aula dos professores? Como está organizada essa carga horária no ensino fundamental? Existem diferentes formas de organização?

Assim, a proposta deste subitem é apresentar, a partir dos arquivos da legislação municipal, como a rede de ensino de Juiz de Fora (MG) normatiza o tempo de trabalho fora de sala de aula dos professores. Nesta apresentação, considero de extrema importância expor também os percalços até chegar ao estudo da legislação propriamente dita.

Como primeiro passo, na tentativa de conhecer a legislação de que trata sobre a jornada de trabalho fora da sala de aula do professor da rede municipal de ensino de Juiz de Fora, acessei o sítio da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora (PMJF) onde é disponibilizada, na internet, a legislação municipal.

Numa primeira busca, tentei procurar alguma legislação com as expressões “jornada de trabalho do professor”, “jornada do magistério municipal”, “jornada extraclasse” e, com elas, vieram algumas leis que continham tal expressão. Porém, quando abri cada uma individualmente, vi que não tratavam especificamente da lei de que prescreve a jornada semanal de trabalho do professor. Decidi, então, procurar a Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora para que pudesse delinear com mais precisão as leis que poderiam ser necessárias para o estudo.

Assim, o primeiro contato com a SME/JF foi através da assessoria de comunicação da administração (2009 - 2012), a qual informou que eu teria de fazer um pedido solicitando autorização da secretária para que pudesse entrar em contato com algum profissional da secretaria que me pudesse auxiliar na busca da legislação específica. A justificativa do ofício, segundo a assessoria, era para tornar o pedido oficial, já que a instituição recebe diferentes solicitações e, às vezes, o que é providenciado não é procurado pelos solicitantes. Portanto, conforme a informação foi protocolado junto à SME/JF um ofício (apêndice C)

*A base de dados de Leis do município de Juiz de Fora pode ser consultada através do Sistema JFLegis com as opções “consulta por número”, “consulta por período” ou “consulta por palavras-chave”.*



solicitando a autorização para a disponibilização de um profissional que pudesse me orientar em relação à legislação de que trata o estudo.

No data em que protocolei o ofício, procurei conversar, num exercício de memória junto à pessoa com que falei da assessoria de comunicação, sobre o estudo que estou realizando. Com dúvidas quanto ao que realmente se tratava, me encaminhou para a chefe de um departamento da SME/JF que atuava no ano de 2012 e que, possivelmente, seria responsável por me “fornecer” a documentação solicitada.

Explicando, dessa vez, para a servidora que me atendeu a temática de meu estudo, desde o início já fomos surpreendidos com a afirmação de que *os professores usam o tempo fora de sala de aula da maneira como eles desejam*. A servidora foi enfática ao afirmar que a legislação não prevê o uso do tempo para a formação continuada, por exemplo. Esclarecemos que o nosso interesse é compreender tais usos, sejam estes quais forem.

A conversa informal com a chefe de um departamento da SME/JF me levou a pensar em diferentes questões de diferentes conjunturas. Por um lado, penso: em que dados empíricos essa profissional baseia quando afirma que os professores estão fazendo uso da maneira como eles desejam? O que prescreve a legislação sobre usar o tempo fora de sala de aula para a formação continuada?

Por certo, as questões levantadas estão intimamente ligadas à questão da jornada de trabalho do professor, que, grosso modo, resume-se na questão de formulação de políticas públicas para os professores. Fiquei (re)pensando nas questões aguardando os dias até o retorno do contato da assessoria de comunicação da SME/JF informando a autorização ou não por parte da secretária para a disponibilização de um profissional para a indicação da legislação para consulta e estudo.

Tão logo recebi a ligação informando que a secretária havia autorizado, retornei à SME/JF e, dessa vez, fui direcionada a outra servidora, também responsável por um setor específico da secretaria, que, entre outras atribuições, estava a de atender o público fornecendo informações sobre as legislações de ensino do município.

Num encontro bem significativo, embora rápido, já que havia ido à SME/JF somente com a intenção de buscar o documento assinado, pude conversar com esta última profissional que, num curto *espaçotempo*, me explicou com uma riqueza de detalhes a legislação sobre a carga horária do professor fora de sala de aula. Além da valiosa explicação, me repassou os números das leis para que eu pudesse acessá-las através do sítio da PJJF.

Da leitura da legislação, associada às conversas que obtive com profissionais da SME/JF, resultou um breve levantamento de como está organizada a carga horária fora de sala de aula do professor municipal de Juiz de Fora. Eis que apresento esse levantamento nos próximos parágrafos.

A partir da leitura dos documentos oficiais, pode-se afirmar que existem duas organizações do tempo fora de sala de aula do professor regente no município de Juiz de Fora previstas em lei. Uma é a que regulamenta sobre a jornada semanal de trabalho, e a outra é a que se refere às reuniões de planejamento e pedagógicas e que não está inserida na jornada de trabalho. Embora a organização da jornada semanal de trabalho seja a que nos interessa, considero importante descrever também a outra organização para efeito de compreensão do tema e de desdobramentos de questões. Assim, num primeiro momento, apresento o levantamento da legislação sobre a jornada de trabalho e, em seguida, a legislação sobre a participação nas reuniões de planejamento e pedagógicas.

De acordo com o artigo 1º, inciso I da lei nº 09732/2000 (JUIZ DE FORA, 2012a) que regulamenta a jornada semanal do pessoal do quadro do magistério municipal, o professor regente, o orientador educacional e o supervisor pedagógico, terão em seus regimes de trabalho a jornada de 20 (vinte) horas semanais.

Entendidos como coordenadores pedagógicos, os supervisores pedagógicos tiveram um acréscimo de 1 (uma) hora na jornada semanal de trabalho de acordo com o artigo 2º da Lei nº 12249/2011 (JUIZ DE FORA, 2012e, s/p). Essa uma hora será “[...] *destinada ao exercício de atividades de formação continuada e planejamento, não sendo essas*

*atividades, obrigatoriamente exercidas na escola*”. O acréscimo na jornada de trabalho implicou na correção de 5% (cinco por cento) nos vencimentos do cargo, a partir de 1º de janeiro de 2011.

O professor regente, de acordo com o artigo 2º da lei nº 9732/2000, “[...] *terá 18 (dezoito) horas/aula de regência, ficando as horas restantes da jornada destinadas ao exercício de atividades docentes extra-classe, não sendo estas atividades, obrigatoriamente, exercidas na escola*” (JUIZ DE FORA, 2012a, s/p, grifos meus). O texto da lei continua pontuando em um parágrafo único que, para efeito do disposto nesse artigo, a hora-aula tem duração de 50 (cinquenta) minutos.

A prescrição que apresento acima sobre a organização da jornada semanal de trabalho do magistério municipal foi válida até meados de 2013. Porque, a partir de maio do ano citado, através de um acordo entre o executivo municipal – administração 2013 - 2016 – e o Sindicato dos Professores, atendendo ao previsto na lei federal nº 11.738/ 2008 (BRASIL, 2012), que ficou popularmente conhecida como Lei do Piso, os profissionais da educação passaram a ter a destinação de um terço da jornada de trabalho a atividades extraclasse.

Com isso, na prática, das 20 (vinte) horas semanais de trabalho do professor regente, a partir do acordo, 13 (treze) horas e 20 (vinte) minutos serão cumpridas na regência de turmas, e o restante, 6 (seis) horas e 40 (quarenta) minutos, serão destinadas ao desenvolvimento de atividades docentes extraclasse, que não precisam ser, obrigatoriamente, exercidas na escola.

Se, por um lado, a lei 09732/2000 (JUIZ DE FORA, 2012a) adequa-se à disposição federal sobre a redução da jornada de regência do professor, por outro lado, não garante minimamente horas de efetivo planejamento na escola, seja ele de planejamento das atividades da(s) turma(s) de regência ou de planejamento coletivo. O que, de certa maneira, dá margem às escolas e, mais especificamente, aos professores pensarem que as horas restantes da jornada de trabalho semanal são para serem usadas da maneira como eles desejarem, lembrando aqui a fala da chefe de um setor da SME/JF.

O estudo pretendido focaliza exatamente as horas fora de sala de aula que prescreve a lei nº 09732/2000 (JUIZ DE FORA, 2012a), alterada a partir do acordo em 2013 entre executivo municipal e sindicato, que se desdobra na seguinte questão: como são os usos que professores têm feito dos tempos fora de sala de aula? Em outras palavras: como são os usos que os professores têm feito das então 6h40min (seis horas e quarenta minutos) da jornada de trabalho semanal destinadas ao exercício de atividades extraclasse no município de Juiz de Fora (MG)?

Posta a questão sobre a organização da jornada de trabalho fora de sala de aula, passo a apresentar um breve levantamento da organização das reuniões, que também constituem *espaçostempos* fora de sala de aula. Pergunto: uma vez que a lei 09732/2000 (JUIZ DE FORA, 2012a) não garante o planejamento coletivo, como programar e refletir ações coletivas de trabalho? Os encontros coletivos são previstos na lei 11.169/2006 (JUIZ DE FORA, 2012b), que dispõe sobre o pagamento de adicional ao servidor do quadro de magistério, para comparecimento a reuniões de planejamento e pedagógicas.

A lei nº. 11.169/2006 (JUIZ DE FORA, 2012b) institui a “[...] *obrigatoriedade de realização de reunião de planejamento e pedagógicas, com o objetivo de planejar e avaliar a processo educativo das escolas municipais*” (Art. 1º).

Já que as reuniões não fazem parte da jornada de trabalho semanal do pessoal do quadro do magistério municipal, a lei 11.169/2006 (JUIZ DE FORA, 2012b) institui um adicional de reunião, que, inicialmente, equivalia a 4% (quatro por cento) do salário quando da aprovação da lei e que, atualmente, equivale a 10% (dez por cento) com a revogação do artigo 4º a partir da aprovação da lei nº 11.790/2009 (JUIZ DE FORA, 2012d). O percentual incidirá sobre o vencimento do servidor participante da reunião, nos meses em que as reuniões forem realizadas, e fará jus somente o servidor que participar efetivamente do total de quatro horas de cada reunião.

Foi também com a aprovação da Lei 11.790/2009 (JUIZ DE FORA, 2012d) que houve a revogação do parágrafo 2º, do artigo 4º, da

Lei nº 11.169/2006 (JUIZ DE FORA, 2012b), que passaram a ter direito à percepção do adicional de reunião pedagógica, a partir de 1º de janeiro de 2009, o Diretor e o Vice-diretor integrantes do quadro do magistério municipal.

A partir da aprovação da lei nº 12.249/2011 (JUIZ DE FORA, 2012e), o adicional de reunião foi incorporado aos vencimentos dos servidores efetivos do quadro do magistério municipal que participaram de pelo menos 30 (trinta) reuniões. Assim, os servidores efetivos que já acumularam pelo menos 30 (trinta) reuniões de planejamento e pedagógicas já possuem o adicional incorporado aos vencimentos.

Quanto à duração, as reuniões terão um total de até 4 (quatro) horas de duração, sendo uma reunião por mês, ou com duração de 2 (duas) horas, sendo 2 (duas) reuniões por mês. Serão realizadas, anualmente, 42 (quarenta e duas) horas de reunião. Sendo que, obrigatoriamente, uma reunião no início do ano letivo e outra ao final do ano letivo, sendo que ambas deverão ter 3 (três) horas de duração. As 36 (trinta e seis) horas restantes deverão ser distribuídas ao longo do ano.

Quanto à composição, farão parte das reuniões os seguintes servidores: diretor, vice-diretor, professores regentes, coordenadores pedagógicos e secretários escolares.

De acordo com o artigo 3º do decreto nº 08985/2006 (JUIZ DE FORA, 2012c), que regulamenta a lei nº 11.169/2006 (JUIZ DE FORA, 2012b), as reuniões somente poderão ser “[...] realizadas em dias em não coincidam com o período das 05 (cinco) horas extra-classe já remuneradas de cada professor, em período de recesso escolar, bem como não poderão ser realizadas em horário de aula dos alunos”, ficando vedada a suspensão de aulas para a realização de reuniões de planejamento e pedagógicas.

Resumidamente, a organização dos *espaçostempos* de reunião de planejamento e pedagógicas é realizada segundo a legislação vigente, que prescreve a obrigatoriedade dos encontros durante o ano letivo com duração de 42 horas anuais, sendo 6 horas divididas para as reuniões de início e final de ano. Aos vencimentos dos servidores que fazem parte das reuniões, os diretores, vice-diretores, professores regentes,

coordenadores pedagógicos e secretários escolares, é acrescido um equivalente de 10% (dez por cento). As reuniões não podem ser realizadas nos dias em que coincidem com as horas da jornada de trabalho destinadas às atividades extraclasse do professor regente, em período de recesso escolar, bem como durante o horário de aulas dos alunos.

De posse das informações sobre as organizações da carga horária extraclasse do professor, respondo, a partir da leitura da legislação vigente, as perguntas que fiz no início deste texto. No que se refere à organização da jornada extraclasse do professor, estão previstas 6 (seis) horas e 40 (quarenta) minutos para atividades extraclasse que não precisam ser obrigatoriamente exercidas na escola. Sobre a existência de diferenças dessa organização para os níveis e modalidades de ensino, vimos que a organização da jornada fora de sala de aula destina-se a todos os professores do município, sejam da educação infantil, ensino fundamental (anos iniciais e anos finais) ou educação de jovens e adultos.

Também foi a partir da leitura da legislação que tive mais clareza de qual organização deverá ser o foco da pesquisa – que é compreender sobre os usos que os professores têm feito dos tempos fora de sala de aula tendo como orientação a prescrição da lei nº 09732/2000 (JUIZ DE FORA, 2012a), alterada a partir do acordo em 2013 entre a prefeitura e o sindicato dos professores.

Se, num primeiro momento, houve a consulta e o estudo da legislação na tentativa de entender, numa perspectiva macro, a organização da jornada de trabalho extraclasse do professor do município de Juiz de Fora, num segundo, procurou-se compreender como os professores fazem uso desses tempos a partir de narrativas de/com professoras. Esse exercício compreende a questão basilar do estudo. Porém, antes de me adentrar nas reflexões surgidas a partir dessas narrativas, almejo refletir sobre que tempo é este fora da sala de aula. Esse é o movimento que foi realizado com o intuito de compreender de que tempos estou falando na/da Atualidade.

### 3.2 Tempos: o que são?

O foco de nosso estudo é compreender quais têm sido os usos dos tempos da jornada semanal de trabalho fora de sala de aula de professores da rede municipal de educação de Juiz de Fora. Mas de que tempos estou falando? Que tempos são esses fora da sala de aula? Como as professoras lidam com os tempos em suas vidas?

A referência *aos tempos*, no plural, é por se acreditar que não existe uma única forma de concepção. Pelo contrário, há uma multiplicidade de tempos, desde a maneira de concebê-los e, inclusive, vivenciá-los. E, se pararmos para pensar o tempo abarca tudo: o tempo é a nossa vida... Por isso, talvez, o motivo de ser tão complexo o seu entendimento e explicação sobre o que de fato é.

Acontece que, ao tomarem-se os tempos fora de sala de aula que o estudo se propõe, levando em consideração apenas o tempo cronológico, marcado pelos relógios, tem-se que as professoras possuem, legalmente, 6 horas e 40 minutos fora da sala em sua jornada de trabalho semanal. Mas será que esse tempo demarcado por uma unidade de medida e que independe dos ciclos da vida, do trabalho, da natureza, representa o único tempo em que está sendo usado pelas professoras?

As diversas concepções sobre o tempo – sociológica, filosófica, física, histórica – têm contribuído para a consolidação da temática no campo educacional. Por certo, a categoria tempo nos instiga a refletir sobre diversas questões de diferentes conjecturas. Pensar sobre tais questões implica compreender sobre as diversas formas de se conceber o tempo. Não o tempo como categoria abstrata e linear, mas o tempo que é nosso, experimentado como vida, como significado e que é simultâneo.

Mas, afinal, o que é o tempo?

Num primeiro momento, algo inquestionável. Um elemento exterior a nós, naturalizado. Será?

Para Fontana (2003, p. 121), “[...] o tempo nos constitui...”.

E é possível medir o tempo?

O sociólogo Nobeit Elias (1998) assegura que não é possível medir algo invisível, que não é perceptível aos sentidos, algo que não é um dado objetivo. Afirma, ainda, que os relógios não medem o tempo, pois “[...] se eles permitem medir alguma coisa, não é o tempo invisível, mas algo perfeitamente passível de ser captado” (ELIAS, 1998, p. 7). Para o autor, o tempo é resultado de um longo processo de aprendizagem, uma construção, uma representação simbólica, algo questionável, incerto, inventado, resultado de “processo civilizador”.

No campo da Filosofia Clássica, Platão (428-347 a. C.), em sua obra *Timeu*, define o tempo como “uma imagem móvel da eternidade”. Platão especificava que a mobilidade do tempo era um processo cíclico e ocorria em conformidade com os números, obedecendo a uma razão, isto é, a uma proporção numérica. Para Aristóteles (384-322 a.C.), o tempo era entendido como “número do movimento segundo o anterior-posterior”, ou seja, o número do movimento com relação ao antes e ao depois. Na associação estreita entre movimento e o tempo, Aristóteles mostra que movimento não é apenas um deslocamento, mas também o crescimento (PUENTE, 2010).

Ainda dentro do campo Filosófico, temos alguns filósofos que teorizaram discussões sobre o tempo, entendendo-o a partir de referenciais que o tomam como elaboração subjetiva, isto é, como não fora da realidade do sujeito. A concepção subjetiva do tempo refuta as ideias de que o tempo seria uma realidade cosmológica, uma medida, uma realidade objetiva. Para Santo Agostinho (354-430 a.C.), o tempo tende a não existir. Em sua obra *Confissões* (Livro XI), apresentou uma concepção do tempo imersa no mistério de algo que se sabe, mas que não consegue explicar. Indagava “[...] o que é o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se quiser explicá-lo a quem me pergunta, não sei”. Para Santo Agostinho, a existência da percepção do tempo ocorre quando se compreende o presente após algo já ter tornado passado ou futuro, isto é, o tempo vai ser a medida entre o início ao fim de um acontecimento.

Immanuel Kant (1724-1804) defendia que não percebemos o tempo, mas, sem ele, não poderemos perceber o mundo. Esse pensamento influenciou de modo decisivo os rumos da Filosofia



moderna, que procurou delimitar os próprios limites da razão humana. Em sua histórica obra *A crítica da razão pura*, Kant considerou que o tempo é uma estrutura subjetiva e intuitiva *a priori* para conhecimento dos objetos. Essa estrutura, camada de *idealidade transcendental* do tempo, é que vai organizar as experiências que vão moldar a percepção das coisas (PUENTE, 2010).

Sobre a definição de tempo dentro das físicas Clássica e Quântica, dois nomes se destacam. No conceito proposto por Isaac Newton (1643-1727), o tempo é uma grandeza absoluta e uniforme, isto é, ela não depende de um referencial. Ela existe independentemente da matéria e passa da mesma maneira para todos. Já para Albert Einstein (1879-1955), o tempo é uma grandeza relativa, ou seja, o tempo depende das velocidades relativas entre o observador e os instrumentos de medidas do tempo, fazendo, assim, com que o tempo não passe da mesma forma para todos.

Ainda nessa conversa sobre concepções do tempo, quero trazer as contribuições de Ilya Prigogine (1917-2003). Suas descobertas têm revelado uma nova concepção sobre o tempo que contraria tanto a dinâmica clássica quanto à física quântica, isto é, o determinismo de Newton e o mecanicismo de Einstein. Esse físico-químico belga, de origem russa, que foi um dos maiores sábios desde Albert Einstein (ALMEIDA, 2013), tratou da metamorfose da ciência nos últimos três séculos, demonstrando que a irreversibilidade do tempo, a incerteza, o caos e a desordem são elementos essenciais e construtivos da ciência que está sempre em evolução. Afirmou que, agora, “[...] as leis fundamentais exprimem possibilidades e não mais certezas” (PRIGOGINE, 2011, p. 13).

Na visão de Prigogine, ganhador do Prêmio Nobel de Química de 1977, a questão do tempo se encontra “[...] na encruzilhada do problema da existência e do conhecimento”, pois “[...] o tempo é a dimensão fundamental de nossa existência” e “[...] está também no coração da física” (PRIGOGINE, 2011, p. 9).

Para Prigogine e Stengers (1991, p. 211), existe uma multiplicidade de tempos, e, atualmente, a física não os nega mais. Pelo

contrário, agora, reconhece o “[...] tempo irreversível das evoluções para o equilíbrio”, o “[...] o tempo ritmado das estruturas cuja pulsão se alimenta do mundo que as atravessa”, “[...] o tempo bifurcante das evoluções por instabilidade e ampliação de flutuações”.

O exame das perspectivas de tempos até então explicitadas nos indica que, ao longo da história da humanidade, o tempo foi sendo concebido de diferentes maneiras e ainda o é. Diversos autoras e autores apresentam suas noções e como essas influenciam no modo de sua compreensão e utilização. Ainda sobre diferentes concepções, pode-se pensar o tempo a partir de três ópticas: o tempo na Antiguidade – cíclico; o tempo na Modernidade – mecanizado, linear; e o tempo na Atualidade – múltiplo, simultâneo.

Na Antiguidade, o tempo era concebido como algo cíclico, vivenciado a partir dos ciclos naturais, e visto como algo finito, vivido em uma dimensão individual. A vida era regida pelos fenômenos naturais, e o tempo se constituía pela observação do dia e da noite, do nascer e do pôr do sol. O tempo nesse sentido tinha algo de misterioso, divino, determinado por saberes ligados à necessidade do ser humano. Nesse período, não havia a necessidade de dividir o dia em partes, pois as atividades econômicas e sociais estavam ligadas aos ciclos diários, já que a “[...] natureza é rica em regularidades” (OLIVEIRA, 2003, p. 37).

No período da Antiguidade, o tempo será concebido então “[...] como expressão da repetição cíclica dos acontecimentos”. E esse tempo cíclico recebeu uma “[...] metáfora inesquecível: o círculo” (OLIVEIRA, 2003, p. 38).

A Modernidade rompe com a lógica cíclica. Com a invenção dos relógios, do calendário universal, dos mapas, torna-se possível o controle do tempo, o controle da vida. A mecanização do tempo através do relógio suscita assim uma nova percepção do tempo. A ideia de tempo linear na Modernidade reforça um tempo demarcado pelos relógios que possibilitaram a subdivisão precisa e fixa das horas em subunidades, em minutos e em segundos (OLIVIERA, 2003).

A adoção de uma unidade fixa regulamentava e ainda regulamenta a vida social, introduzindo uma autorregulação de todas as

*“Os relógios, sem sombra de dúvida, são mecanismos físicos construídos pelos homens. Mas são dispostos de maneira a se integrarem por exemplo, através do deslocamento de ponteiros num mostrador em nosso mundo de símbolos. O que um relógio comunica, por intermédio dos símbolos inscritos em seu mostrador, constitui aquilo a que chamamos de tempo. O tempo tornou-se, portanto, a representação simbólica de uma vasta rede de relações que reúne diversas sequências de caráter individual, social ou puramente físico.”*  
(ELIAS, 1998, p. 16-17)

atividades. Ao receber ponteiros mais minuciosos como os de minutos e segundos, os relógios passaram a exibir grande confiança, o que, de certo modo, “[...] ajudou a sedimentar a imagem de homogeneidade, universalidade e unicidade que se passou a emprestar ao tempo” (OLIVIERA, 2003, p. 45).

Assim, na configuração do tempo na Modernidade existe uma lógica linear da realidade, fragmentada e quantificada que regulamenta os fenômenos naturais e as atividades humanas. Para Skliar (2003, p. 39), o tempo na Modernidade “[...] é o tempo da ordem”, “[...] do significado preciso”, “[...] do aprisionamento de tudo que é vago”.

Nessa perspectiva, o tempo passa a ser mensurado, quantificável. E, no contexto escolar, não é diferente. Existe o tempo do recreio, da brincadeira, do planejamento, da aula. Realizamos todas as atividades em detrimento do tempo do relógio. Em nossos afazeres, é estabelecido um parâmetro regulamentador, com determinação do início e do término de cada atividade.

O tempo na/da Atualidade se refere ao tempo simultâneo. Marques, C. e Marques, L. (2003) evidenciam que experienciamos o tempo atual a partir de uma crise de concepções decorrentes da coexistência de velhos e novos valores. Para os autores, experienciar o tempo como simultâneo nos coloca diante de várias situações que nos causam inseguranças e incertezas. A verdade é ao assumirmos o tempo na/da Atualidade, por um lado inaugura-se um tempo de descobertas, por outro, geram-se riscos diante do desconhecido.

Na Atualidade, somos convocados a viver e experienciar as diferentes noções de tempo. Com isso, as noções de passado, presente e futuro, impostas como uma sucessão de acontecimentos lineares na Modernidade, convivem com a noção de *tempo simultâneo* na/da Atualidade. O tempo para viver é o presente aqui e agora, com toda a sua complexidade e simultaneidade.

Harvey (2009) nos chama a atenção para o fato de que o tempo tem sido usado de maneira confusa. Gastamos tempo pensando em coisas futuras e fazemos coisas bem distintas do que faríamos se nos

*“O presente é um presente vivo de que dependem o passado e o futuro: um presente múltiplo, um único tempo em que se concentram todos os tempos, um presente inóspito que se torna hóspede do outro.”*  
(SKLIAR, 2003, p. 64)

preocupássemos com os nossos prazeres aqui e agora. Assim, temos que viver o tempo presente.

O exame das perspectivas de tempo em diferentes campos do conhecimento que aqui explicito brevemente tem uma explicação. Adentrei-me numa tentativa de compreender outros pontos de vista.

O que me movimentou foi a possibilidade de construir uma *nova aliança*, afinal, com efeito, duas expressões foram centrais na obra de Prigogine (2011) e que aqui faz todo o sentido usá-las. Trata-se das expressões *aliança* e *reconciliação*. Querer entender o tempo diante dessas perspectivas é coerente, já que vivemos um tempo de reconciliação do homem com a natureza e da ciência com a filosofia, o tempo de uma nova aliança. O tempo na/da Atualidade.

Ainda sobre as definições sobre tempo, datam das antigas civilizações gregas três expressões para caracterizá-lo: *khronos*, *kairós* e *aión*. O tempo *khronos* é o medido pelos relógios ou pelos calendários; é um tempo metódico, finito, controlado e linear. Ele é igual para todos, pois é objetivo. É a ideia de “duração temporal”. O tempo *kairós* indica uma ocasião adequada ou uma oportunidade; é o tempo do “momento oportuno”, o “cavalo encilhado que só passa uma vez”. E *aión* é o tempo vindouro, aquele vivido na sua intensidade como o de uma “brincadeira de criança”; é o tempo da experiência (D’AMARAL, 2003).

Durante a nossa *travessia* na/da vida, somos convocados a responder a cada uma dessas dimensões do tempo de forma simultânea, entendendo-as como coexistentes.

Ainda hoje, estamos atrelados a uma única concepção do tempo, a cronológica, a da sucessão, da duração que se sucede numa lógica de causa e efeito. Apenas isso temos chamado de tempo. D’Amaral (2003, p. 26), diz-nos que empobrecemos a compreensão do tempo quando “[...] acoplamos a lógica à duração e produzimos uma concepção cronológica”.

Por certo, muitas são as compreensões sobre o que é o tempo. De minha parte, recorro às civilizações gregas e falo do tempo *khronos*, *kairós* e *aión*. Penso que, quando me refiro a esses tempos, não significa que sejam três tipos de tempos diferentes; pelo contrário, estamos

afirmando a coexistência dos três, configurando em múltiplos tempos. Assim, a noção de tempo que apresento neste trabalho é a de que, na Atualidade, khronos, kairós e aión coexistem em importância. Afinal, o tempo, embora vivido, sobretudo de forma linear, regido pelos relógios de maneira cronometrada, não pode ser só sequência – ele é intensidade, oportunidade, significado.

O entendimento de tempo trazido neste estudo refuta a ideia de que existe apenas um tempo que professores usam da jornada de trabalho fora da sala de aula. O que pretendo é compreender como têm sido os *usos dos tempos*. Com todas as particularidades e contradições, quero me adentrar nessa temática que, para alguns pode ser polêmica, como me dizia um profissional da SME/JF. Mas, de minha parte, considero-a como oportunidade de decifrar *instabilidades, bifurcações e incertezas* (PRIGOGINE, 2011).

#### 4 AS CONVERSAS COM AS PROFESSORAS

##### Reinvenção

A vida só é possível  
reinventada.

Anda o sol pelas campinas  
e passeia a mão dourada  
pelas águas, pelas folhas...  
Ah! Tudo bolhas  
que vêm de fundas piscinas  
de ilusionismo... - mais nada.

Mas a vida, a vida, a vida,  
a vida só é possível  
reinventada.

Vem a lua, vem, retira  
as algemas dos meus braços.  
Projeto-me por espaços  
cheios da tua Figura.  
Tudo mentira! Mentira  
da lua, na noite escura.

Não te encontro, não te alcanço...  
Só - no tempo equilibrada,  
desprendo-me do balanço  
que além do tempo me leva.  
Só - na treva,  
fico: recebida e dada.

Porque a vida, a vida, a vida,  
a vida só é possível  
reinventada.

(CECÍLIA MEIRELES, 2014)

Reinvenção! Essa palavra, com toda certeza, foi uma das que mais me tocaram durante o percurso de construção deste trabalho. Assim, fui (re)inventando alguns percursos e trilhando outros de modo a (re)significar, (re)escrever, (re)fazer, (re)construir...

Compreender também foi sempre uma demonstração do meu intento neste estudo. Não se trata de ter certezas, explicações demasiadamente teóricas, mas possibilidades de entendimento, interpretações, noções...

Assim, o texto anterior discorreu sobre a tentativa de iniciar as compreensões a respeito das diretrizes legais que incidem no estudo, bem como sobre as reflexões que a categoria tempo pode instigar a partir de várias concepções. Nesse momento, começo a percorrer o caminho para a compreensão das conversas com as professoras. E, embora escrevo como o caminho, no singular, apresento neste texto diferentes trilhas, abertas e trilhadas pelas professoras, caminhantes *ordinárias*, verdadeiras *inventoras de trilhas...* (CERTEAU, 2011, p. 91).

O contato e os encontros com as professoras me fizeram perceber que, mesmo onde parece haver somente uma vereda, nós somos capazes de fazer novos percursos e trilhar nossos próprios caminhos. De reinventá-los. Foi também reinventando, com *mil maneiras de caça não autorizadas* (CERTEAU, 2011, p. 38), que as professoras narraram suas histórias, expectativas, suas *maneiras de fazer*.

No percurso dessas *trajetórias indeterminadas*, houve a necessidade de sair do caminho das diretrizes instituídas pela Secretaria Municipal de Educação/JF, lembrando, aqui, o discurso de uma servidora da secretaria: “[...] *os professores usam o tempo da forma como eles desejam*”. Esse é um discurso que estabelece um *lugar de poder e de querer* (CERTEAU, 2011). Isto é, a fala da servidora possibilitou-nos compreender que existe um consenso de que, embora a legislação pontue que a jornada de trabalho destinada às atividades extraclasse não precisa ser cumprida *obrigatoriamente na escola*, é nítida a constatação de que os professores deveriam cumprir essa jornada na escola ou para fins específicos que se remetessem à profissão docente, como realizar planejamento pedagógico ou participar de cursos de formação, por exemplos.

Sair desse consenso foi necessário! Pois, ao longo das conversas com as professoras, percebi em suas narrativas que outros caminhos para os usos dos tempos fora de sala de aula são possíveis e, nesses caminhos, outras tantas possibilidades. Por certo, estava me adentrando no caminho das *burlas e artimanhas* dos consumidores do/no *cotidiano*, entendendo o cotidiano como o descrito por Certeau *et al.* (1996).

*“Produtores desconhecidos, poetas de seus negócios, inventores de trilhas nas selvas da racionalidade funcionalista [...]. Traçam “trajetórias indeterminadas”, aparentemente desprovidas de sentido porque não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricado onde se movimentam. [...] Essas trilhas continuam heterogêneas aos sistemas onde se infiltram e onde se esboçam as astúcias de interesses e desejos diferentes.”*  
(CERTEAU, 2011, p. 91)

*“O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente [...]. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada.”* (CERTEAU *et al.*, 1996, p. 31)

Assim, deixei-me trilhar a partir do que *estava me sendo dado*, isto é, das falas das professoras que participaram comigo da pesquisa. Nas narrativas, deixo evidentes suas marcas, suas artes de dizer e suas artimanhas, procurando *distinguir maneiras de fazer* numa tentativa de compreender diferentes *estilos de ação* (CERTEAU, 2011).

#### 4.1 As vozes das professoras

##### As Coisas que a Gente Fala

As coisas que a gente fala  
saem da boca da gente  
e vão voando, voando,  
correndo sempre pra frente.  
Entrando pelos ouvidos  
de quem estiver presente.  
Quando a pessoa presente  
É pessoa distraída  
Não presta muita atenção.  
Então as palavras entram  
E saem pelo outro lado  
Sem fazer complicação.

Mas às vezes as palavras  
Vão entrando nas cabeças,  
Vão dando voltas e voltas,  
Fazendo reviravoltas  
E vão dando piruetas.

[...]

(RUTE ROCHA, 2014)

“Sua pesquisa veio no momento em que  
estamos conseguindo implementar  
a lei do Piso no município”.

(PROFESSORA ANA MARIA)

Ainda que já tenha apresentado parte de nosso primeiro encontro, ao narrar a apresentação das professoras, acho importante apresentar como que sucedeu o contato presencial inicial com as professoras. Assim, o nosso primeiro encontro, depois de desmarcado por ocasião do movimento grevista do magistério municipal, foi agendado para o dia 25



de junho de 2013. Aproximou-se a data, e fui me encontrar com as professoras que se dispuseram a tecer comigo este estudo.

Passado o momento de apreensão do contato imediato, iniciamos as nossas *conversas*, que procuraram respeitar as diferenças, além das tentativas de sustentar a tensão entre as próprias diferenças.

Na manhã do dia 25 de junho, o céu de Juiz de Fora estava um pouco cinzento, querendo o sol, mesmo que tímido, aparecer. Rachel, Ana Maria e Cecília foram as primeiras a chegar. Como eu já estava aguardando-as desde as 7 horas e 30 minutos, recebi cada uma com um afetuoso abraço. Depois, chegaram a Anne, Rute, a Cora e Adélia e, por fim, a Clarice.

As professoras foram chegando e assentando-se próximo das colegas de trabalho. Sentadas e também apreensivas com o que estava por vir, murmuravam sobre o fim da greve e as conquistas que a categoria obteve.

Micro e macropalavras, os murmurinhos se entranhavam na sala, cheios de significados. O foco agora era sobre os arranjos que cada escola estava fazendo para fazer cumprir com o calendário escolar. Sim, organizar o calendário escolar é atender a demanda de questões regulares padronizadas e disciplinadoras que existem nas escolas. E conversar sobre esses arranjos foi uma forma de as professoras entenderem a lógica da regularidade que acabara de ser adotada por ocasião da greve. Todas as escolas estavam reorganizando o seu calendário escolar. Nesse ínterim, sai uma pergunta direcionada a mim:

*Rachel: \_ Jaqueline sua pesquisa vai tratar deste assunto sobre este assunto da greve, não é mesmo?!*

*Jaqueline: \_ A greve teve vários itens de reivindicação, e entre eles estava o de implementar a Lei do Piso sobre a questão da redução da carga horária de regência. Vamos conversar sim, sobre este ponto em nossos encontros.*

*Rachel: \_ Eu te falei quando você me convidou que este tema é polêmico. Ele está sendo discutido desde quando começou a falar de Lei do Piso. E também, quando a gente encontra, a gente só conversa só de coisas de escola.*

*“[...] o valor de uma conversa não está no fato de que ao final se chegue ou não a um acordo... pelo contrário, uma conversa está cheia de diferenças e a arte da conversa consiste em sustentar a tensão entre as diferenças... mantendo-as e não as dissolvendo, e mantendo também as dúvidas, as perplexidades, as interrogações... e isso é o que a faz interessante... por isso, em uma conversa, não existe nunca a última palavra... por isso uma conversa pode manter as diferenças até o final [...] por isso uma conversa não termina, simplesmente se interrompe... e muda para outra coisa...”.*  
(LARROSA, 2003, p. 212-213)

Tema polêmico! Escutar essa fala foi importante para que eu começasse a pensar o que significava o meu estudo naquele momento. Meu sentimento era que, a partir de então, deveria ser uma ouvinte atenta, tentando extrair os sentidos, as representações, os anseios trazidos pelas professoras, bem como suas expressões em movimentos nos rostos que falam... O intuito era descobrir uma *ciência prática do singular* (CERTEAU et al., 1996, p. 21), captando a *multiplicidade de vozes e práticas*.

A colocação da Rachel também fez com que eu sentisse uma carga emocional grande entre as professoras, pois iríamos conversar sobre alguns pontos que estavam sendo reivindicados e que haviam acabado de ser muito discutidos. Se o encontro poderia ser um espaço para a descarga de tensões, ele também estava sendo visto na contração da descarga, como o próprio causador de outras tensões. Compreendê-las foi o desafio!

A maneira como as professoras iriam se dispor para conversarmos foi pensada tendo a *roda* como possibilidade. Estando em roda, conseguimos oportunizar o olhar nos olhos do outro e entender as falas como circulantes que se movimentam, sem a exigência de elaborações conclusivas. Então, sentadas em roda, iniciamos as conversas. Para posterior transcrição, durante os encontros foram utilizados dois gravadores a partir do consentimento das professoras.

Após a autorização para a gravação, a conversa que se iniciara foi com a explanação sobre o estudo e a apresentação de cada uma. Embora as conversas tomem rumos não muito definidos, nesse momento, foi necessário definir o assunto numa tentativa de torná-lo o *pontapé* para nos conhecermos e entendermos mais claramente a pesquisa.

Iniciei a conversa tentando explicar o trabalho. Já no início de minha fala, fui interrompida pela epígrafe que inicia este item. Para as professoras, o estudo estava sendo muito oportuno pelos motivos já explicitados.

Continuei a explanação, e, em meio aos assuntos/às explicações/comentários, esclarecemos também como ficou organizada a jornada do professor após a paralisação dos docentes do município. Perguntei se o que havia sido acordado entre o sindicato e o poder executivo era a diminuição da regência de turmas, passando das 15 (quinze) horas para as 13 (treze) horas e 20 (vinte) minutos, e o restante, 6 (seis) horas e 40 (quarenta) minutos, destinado ao desenvolvimento de atividades docentes extraclasse. Com a sinalização positiva, as professoras frisaram apenas que se trata de um acordo que ainda precisa regularizado:

*Rute: \_ Mas é um acordo que já tem modificações nas escolas. A minha Diretora já está tendo que fazer as modificações para se adequar às mudanças ocorridas. Inclusive pedi a ela para me manter com o dia de folga no mesmo dia.*

*Jaqueline: \_ Com o dia de folga?*

*Rute: \_ É, com o dia que temos...*

Silêncio... A fala de Rute acompanhada de minha pergunta deixara as colegas um pouco atônicas... Embora a sala em que ocupávamos se localizasse no 15º andar de um prédio que fica em uma das avenidas mais movimentadas da cidade, naquele momento, somente se escutaram os carros buzinando lá na avenida... Na sala, via-se claramente que algumas queriam expor sobre o que acabaram de escutar, mas não tiveram coragem, e outras tentavam desviar de mim o olhar. Pareceu que a fala da colega fora na contramão da luta que haviam acabado de participar sobre o que significava ter mais horas para o exercício de atividades extraclasse.

O silêncio das professoras veio carregado de sentidos... Não o excluí, apenas o interpretei como um ato da linguagem, como algo que também faz parte da interação, da comunicação, das conversas...

Essa fala inicial de Rute me fez refletir algumas questões: o que significa estar fora de sala de aula para o professor? O que significa dizer que parte da jornada de trabalho semanal é um dia de folga?

Com o intuito de não criar um desconforto já desde o início dos encontros, optei por não problematizar a questão e passei a falar como cheguei a cada uma delas e a me apresentar, narrando-lhes um pouco da minha história acadêmica e profissional. Em seguida, passei a escutar as apresentações das professoras, que já foram descritas em item anterior.

Conversas indo e vindo, aproximamo-nos do assunto sobre a carga horária fora da sala de aula. A partir das vozes das professoras, concluí que existem duas possibilidades de como são os usos dos tempos para atividades extraclasse se formos pensar somente no intervalo *kronos*: o tempo fora da escola e o tempo fora da sala de aula.

O que isso quer dizer? São exatamente destinadas 6 (seis) horas e 40 (quarenta) minutos da carga semanal de trabalho do professor para o desenvolvimento de atividades extraclasse. Isso implica que cabe a cada escola organizar esse intervalo de horas para atender as suas demandas. Por isso, às vezes, dependendo da disposição realizada pela escola, o professor vai ter horas dentro da escola em que ficará de *janela* entre uma aula e outra, correspondendo ao tempo fora da sala de aula. E, em todas as escolas, já ficou instituído o tempo fora da escola (4 horas) – tempo este que se refere ao dia de *folga*, lembrando aqui a fala da professora Rute.

*“Janela”*: termo utilizado para o intervalo entre uma aula e outra.

Resumidamente, tem-se o seguinte: em relação às horas referentes a um dia de trabalho – 4 (quatro) horas –, já se compreendeu que os professores poderão exercê-las fora da escola. E as 2 (duas) horas e 40 (quarenta) minutos poderão ser exercidas nas escolas ou não, dependendo dos arranjos. Assim, nesse caso, poderá ocorrer de alguns professores entrarem mais tarde, saírem mais cedo ou ficarem de “janela”.

Para melhor entendimento, a opção mais válida seria apresentar essas duas formas de usos dos tempos fora da sala de aula separadamente, já que foram as professoras que assim explicaram. Acontece que o intervalo de tempo que configura as 2 (duas) horas e 40 (quarenta) minutos que podem ser exercidas nas escolas ou não e depende de arranjos, por ter sido recentemente conquistado, ainda é pouco compreendido como integrante da carga horária destinada às atividades extraclasse. Para algumas professoras, esse intervalo destina-

se aos deslocamentos que devem ser realizados de uma escola à outra com mais tranquilidade:

*Cecília: \_ Você sabe que me ajudou nos deslocamentos de uma escola à outra. Agora, faço de forma mais tranquila, consigo no dia que entro mais tarde almoçar com mais calma, porque nos outros dias a correria continua. Aí consigo chegar mais cedo e fico papeando com as colegas que também chegam mais cedo.*

Essas horas, grosso modo, estão sendo utilizadas para deslocamentos, para “janelas” na escola. Assim, considero que seria oportuno um estudo da compreensão dos tempos fora da sala, porém dentro da escola, pois, quando falamos nos tempos fora da sala de aula, ainda se tem a ideia da referência às 4 (quatro) horas fora da escola, ou seja, a um dia de trabalho. Portanto, esse intervalo do tempo *khronos*, que pode ou não ser exercido na escola, não ficou muito evidente e nem foi, de maneira significativa, mensurado.

Desse modo, apresentarei as conversas que mais foram manifestadas. Exponho como as professoras utilizam o tempo da jornada de trabalho fora da escola.

#### **4.2 Tempos vivenciados fora da escola**

Para iniciarmos esta conversa, um ponto anterior a este foi o de entender melhor a jornada de trabalho das professoras presentes de forma ampla. A pergunta condutora de nossa conversa foi: como é sua jornada de trabalho? A ideia era de que esse questionamento ampliasse nossa compreensão sobre a jornada como um todo para que chegássemos à jornada de trabalho fora da escola. De antemão recebi, como ponderação:

*Rachel: \_ Minha jornada é dura, mas tem gente pior do que eu. Olha só, eu trabalho apenas em uma escola e em um único turno. Então, eu vejo que comigo é mais simples, pois atuo somente em uma escola, mas minhas colegas rebolam e vivem numa correria só, pois têm que ir para outra escola, e tem dias que nem almoçam direito. Vivem pra lá e para cá.*

A fala da Rachel remete ao fato de que, quando o professor possui dois cargos, trabalhando em dois turnos e em escolas distintas, sua jornada de ensino fica exaustiva, já que deverá se dedicar a duas realidades diferentes, além do deslocamento entre instituições que se localizam distantes uma da outra. As professoras concordaram com a colocação da Rachel e emendaram que, quando não possuem dois turnos de efetivo trabalho, digamos, oficial, acabam por desenvolver outras atividades com mais tranquilidade:

*Adélia: \_ Então, meninas, a minha rotina também é de apenas um turno de trabalho. Mas o que eu trabalho fora da escola é também como se fosse mais um turno de trabalho [...] Porque em casa você inventa um monte de coisas, né?! Durante a semana, também vivo numa correria só. Faço à tarde o turno de motorista, de professora particular, quando sento para fazer o dever com as crianças.*

*Rute: \_ Assim, a minha rotina de trabalho também não muda muito da de vocês [...] então de manhã dou aula e à tarde exerço a profissão de mãe e de cuidadora de idosa (risos) [...] eu chego, almoço e vou ajudar meu filho a fazer as tarefas da escola e cuidar da minha sogra.*

*Cora: \_ Eu trabalho [...] na escola [...] de manhã e, à tarde trabalho num curso de Libras e dou aulas de Libras também aos sábados para um projeto da Igreja. Neste eu sou voluntária.*

*Clarice: \_ Eu entro no time dos professores que trabalham em dois turnos. Difícil, né?! Assim, de manhã, já começa aquela correria para levantar meu filho e ele se arrumar para ir para a escola.*

Fazer outras coisas requer também uma organização do tempo *khronos* durante o dia. Nesse intervalo de tempo, ou seja, no horário em que elas não estão mais na escola, exercem a função de mães, cuidadoras, estudantes, professoras particulares, voluntárias. Isto é, se organizam para realizar das *suas maneiras* outras atividades.

Essas outras funções oportunizam-nos a compreensão do tempo como portador de uma diversidade de formas e ritmos, com seus arranjos e desarranjos (PRIGOGINE, 2011). Assim, os seus usos também irão acompanhar essa multiplicidade...

Nessas outras atividades relatadas, na maioria das falas, estavam incluídas a organização para atender as demandas dos filhos e os afazeres domésticos, como ir ao mercado, arrumar a casa, preparar refeições. Tais atividades não tiveram a princípio uma conotação de prazer, mas de algo rotineiro, embora as falas sobre ter filhos e fazer algo para ou com eles tenham sido sempre ressaltadas de modo afetivo.

*Rachel: \_Mas é uma delícia os filhos. Eles crescem tão rápido que, quando você vê, já cresceram.*

O tempo do trabalho, tempo doméstico, tempo dos filhos, tempo das compras, todos são portadores de acontecimentos que estão carregados de valores e de sentidos, eles coexistem... São acontecimentos da vida cotidiana... Para esses tempos, também somos convidados a vivenciá-los... O fazer algo especial para o filho, por exemplo, embora lhes tome uma *medida* de tempo, talvez seja a oportunidade de experimentar algo que ainda não vivenciou, de modo a lhe fazer bem.

Se para algumas professoras possuir e se organizar para atender, por exemplo, o tempo dos filhos é algo que pode trazer-lhes prazer, para outra, o fato de não tê-los julga ser mais fácil para se organizar em fazer outras atividades com mais tranquilidade:

*Rute: \_ Então, colegas, minha jornada de trabalho é dupla [...] eu sofro mais, canso mais [...] mas como não tenho filhos a gente tenta nos virar melhor, com mais facilidade [...] quando falo que fica mais fácil, é que não tem tanta responsabilidade de pegar filho, de sair correndo pra escola, para buscá-los, de correr para médico... É isso que é mais fácil.*

Atribuir dificuldade no ato de cuidar e se dedicar aos filhos, de minha parte, considero que repercute em questões que dizem respeito ao

*“Se o ensino é uma das poucas profissões que permite o acúmulo de dois empregos, ela também consente que um professor trabalhe em duas ou mais escolas para completar sua jornada de trabalho.”*  
(SOUZA, 2013, p. 4)

processo de constituição dos indivíduos, configurando um novo modo de conceber os seres que são gerados, sempre os vendo como algo que *dá trabalho*. Responder às diferentes temporalidades, principalmente à técnica, à do relógio, que tem de ser naquele dado momento, me faz refletir sobre algumas questões: que novas formas de ser, de ver a vida, de pensar e atribuir sentido às coisas e às pessoas estão sendo gestadas nessas diferentes temporalidades? Nesse sentido, o que poderia me *dar trabalho* eu descarto?

O primeiro encontro encerrou as conversas por ocasião do tempo estipulado. Nele, nos apresentamos e foram tecidas reflexões sobre a jornada de trabalho de forma geral. Escutar as professoras falando sobre essa e, por consequência, sobre as atividades que surgem fora dela me fez pensar em várias conjunturas sobre a jornada fora da escola. Na verdade, percebi que, como mulheres comuns, são convocadas para se ajeitar e se organizar em prol de outros afazeres que a vida nos impõe...

*Jaqueline: \_ Vimos que cada uma de vocês tem uma rotina, tem seus afazeres... Tem sua vida! E, embora ocupem uma determinada jornada de trabalho oficial, ou seja, como professoras e coordenadora, vocês têm outras jornadas.*

A jornada semanal da professora, e aqui quero chamar a atenção para o gênero feminino, não se encerra quando ela sai da escola. Este é o mote que nós, mulheres, carregamos quando, socialmente, temos que assumir funções culturalmente demarcadas como possíveis de serem executados somente por nós mulheres. Ficou clara a multiplicidade de jornadas que assumem...

*Adélia: \_ Com os filhos, marido, casa, gato, periquito, papagaio [risos].*

*Jaqueline: \_ São muitos afazeres. Seria interessante ter um representante do sexo masculino para a gente ouvir como eles fazem e se organizam, não é verdade?*

*Rute: \_ Ah, mas eles não dão conta de tudo que a gente faz não. A gente tem professores, mas que são poucos, e não fazem a metade do que a gente faz.*



Não estou querendo adentrar no campo da discussão sobre os gêneros. Mas foi consenso esse papel de cuidadora, zeladora, ainda atrelado à figura feminina. Por vezes, sentimos também, nas falas das professoras, que elas acabam assumindo e reforçando tal papel.

As conversas do primeiro encontro já me possibilitaram (re)fazer, (re)pensar os percursos que ora havia organizado para o segundo encontro, que ocorreu no dia 9 de julho. Na verdade, a riqueza do primeiro encontro foi justamente o fato de a conversa ter tomado rumos não muitos esquematizados, que me levaram a lugares insuspeitos, a respostas para algumas perguntas que não havia formulado. Seguir as *pistas, a intuição, o faro*, como nos ensina Ginzburg (2009), foi uma forma que encontrei para continuar as conversas no próximo encontro.

No segundo encontro, as professoras, mais entrosadas umas com as outras, já foram se organizando e assentando em lugares aleatórios. Os grupinhos já instituídos pelo local de trabalho foram desfeitos. A roda já havia sido organizada pela professora Rachel, que chegou junto comigo:

*Jaqueline: \_ [...] hoje vocês já assentaram separadas dos grupinhos [risos].*

*Rachel: \_ É porque assim que fomos chegando fomos assentando e já conversando uma com a outra.*

*Jaqueline: \_ Ótimo, sinal então que já estão conhecendo uma e outra. Então, pessoal, gostei muito de todas voltarem.*

No primeiro encontro, a professora Ana Maria ressaltou sobre a apreensão de participar de uma pesquisa, principalmente no estudo proposto, já que faz parte de um processo muito discutido pelos docentes da rede municipal e pelo poder executivo de Juiz de Fora. Por isso, confesso que fiquei em dúvida se todas as professoras iriam voltar para o segundo encontro a fim de continuarmos as nossas conversas. Mas, ao mesmo tempo, fui me nutrindo com as últimas falas de Ana Maria no primeiro encontro:

*“Ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição.”*  
(GINZBURG, 2009, p. 179).

*Ana Maria: \_Olha, Jaqueline, confesso que achei que seria outra coisa. Tenho receio porque, às vezes, a gente fica assim... tensas, né?!*

Embora tenha sentido um pouco de tensão, ficou mais à vontade ao descobrir que a atmosfera de nossas conversas foi harmoniosa e tranquila.

Iniciado o segundo encontro, no início de nossa conversa, trouxe os pontos que, para mim, foram mais evidentes do encontro anterior. Num exercício de memória, pontuei para o grupo como foi valiosa a nossa primeira roda de conversa. Nela, expusemos nossas histórias de vida, que carregam particularidades, mas que, quando compartilhadas, tornam-se histórias coletivas que se cruzam, que se entrelaçam umas nas outras...

No segundo encontro, ficou mais evidente e possível a conversa sobre o estar fora da escola no horário da jornada semanal de trabalho. Vimos no dia 25 que as professoras assumem outras atividades quando não estão na jornada de trabalho, mas e quando estão, o que fazem? Como se organizam?

A fala da Rute me chamou a atenção desde o início da conversa com o grupo de professoras, quando se referiu ao estar fora da escola como *dia de folga*. Propusemos às professoras conversar melhor sobre o que isso significa.

*Jaqueline: \_ Me lembro que a Rute disse sobre o dia de folga bem no comecinho [...] ficou um silêncio e rapidinho tentei fazer com que a gente voltasse [...] E então, o que eu estou querendo compreender é sobre o que é esse dia de folga [[fiz aspas com os dedos]]. O que é este dia?! Como é utilizado? Como é organizado? Repare Rute que sua fala não foi em vão, na verdade nos aguçou ainda mais a entender, compreender isso.*

*Rachel: \_ A Rute falou a verdade que todo mundo já sabe.*

*Jaqueline: \_ Então, a intenção é entender [...] este fato que a Rachel está dizendo ser verdade.*

A fala da Rute novamente foi trazida aqui para demarcar a força que ela me impôs. Antes de entendê-la, pensei: como essas horas que os professores possuem para atividades extraclases, que poderiam ser utilizadas para planejar, corrigir, fazer atividades, organizar os planos de aula, podem ser consideradas *folga*?! Contudo reforço aqui: esse pensamento fora tido antes de entender e compreender a colocação da professora. Sua fala aguçou-me a entender várias questões...

Lançada a questão sobre o que significa estar fora da escola no que se refere a um dia da semana, a professora Rachel foi logo ponderando:

*Rachel: \_ Então, vou começar a falar. Eu acho esta questão complicada. Para não dizer que é até polêmica [...] como diria o outro, isto dá pano para manga [...]. Tem semana que, para mim, é dia de folga, e tem semanas que é dia planejamento em casa. Por que é isso? Vou explicar. Meu dia é toda sexta-feira. Então, toda sexta-feira, eu não vou na escola. E, quando cai em feriado, torna dia de descanso mesmo, de folga. Levanto as pernas pro ar e tudo mais. Então, quando é feriado, aí que prolongo o descanso, isso, é lógico, se não tiver reunião no sábado. Então, feriado na sexta é dia de folga, isto é certo. Quando não é feriado às vezes também é dia de folga. Mas em compensação minhas coisinhas ficam prontinhas para começar na segunda-feira. Então o que penso? O que acontece? A escola acha que é para planejamento, mas na prática não funciona assim não. A secretaria também pensa assim. Como é que funciona? [...] Tem dia que pode ser para planejar e tem dias que não. Vai depender muito. Tem sexta que uso para ir fazer compras. E, no dia que estou em casa, como passa muito rápido a manhã, não dá tempo de fazer nada. Então nem é folga direito.*

*Jaqueline: \_ Então você acha mesmo que seria um dia de folga?*

*Rachel: \_ Sim, na maioria das vezes sim. Eu já usei uma sexta-feira de manhã, uma não, nem sei quantas, mas são poucas para planejar. Mas não são todas. Por isso afirmo que é mais dia de folga da escola, porque você acaba inventando um monte de coisa.*

Quando a professora Rachel refere-se ao termo *folga*, fica claro que esse dia deve ser considerado como descanso das atividades

escolares. Há de haver também esse tempo para o descanso, tempo livre. Ele também traz um sentido ao experiencarmos as temporalidades.

Sua fala também carrega o *lugar* que dizíamos da SME/JF. Mesmo que deixando de ver a SME/JF como um bloco, existe um consenso de que o professor deveria usar esse tempo fora da sala para fazer coisas somente da escola, da função do professor. Essas são *estratégias* configuradas. Porém nas brechas do cotidiano é que se instauram outras possibilidades. Se, por um lado, a percepção das professoras é de que a escola e a secretaria demonstram que tais horas deveriam ser exclusivas para a atividade docente, por outro, as professoras fazem mão de *táticas* ou *maneiras de fazer*, configurando em diferentes *usos* dos tempos fora da sala de aula (CERTEAU, 2011). Na verdade, experienciam outras maneiras de vivenciar os diferentes tempos para os quais somos convocados. São os chamados tempos da vida...

As *táticas* só são possíveis quando não existe um lugar próprio. Esse é um movimento do *vir a fazer*. Burlar a concepção dita como comum da escola e da secretaria também é reforçada por Rute:

*Rute: \_ Para mim, também é FOL-GA. Por exemplo, no dia que vou ao médico, que faço um monte de coisas, no dia que consigo sair de vez em quando com minha mãe, eu acho que é folga, sim. E eu marco as minhas coisas para as quintas-feiras mesmo. Fico o dia todo à toa das coisas da escola. [...] E se você me perguntar: e o planejamento? [...] Os planejamentos eu faço à noite nos outros dias, faço nos sábados, domingos. Eu me viro. Mas no dia de folga eu prefiro fazer e adiantar e fazer coisas que não são da escola. Que, na verdade, é o dia que temos para fazer coisas de banco, de mercado, de médico, de um monte de coisa. Como é que vou resolver certas coisas se não tiver uma folga para resolver? Quando? Então as horas em que temos fora da sala de aula e que ganhamos o dia é para resolver um monte de coisas. E todo mundo na escola considera folga mesmo. Poucos fazem algo de estudo. Mas tem uns que fazem sim. Uns até aproveitam para fazer cursos de pintura, artesanato, inglês. Fazem vários cursos.*

*Jaqueline: \_ Mas, pelo que você está falando, não é folga de não fazer nada?*

*Rute: \_ Não. É folga da escola.*

De minha parte, ao dizer, de modo enfático, que o dia referente à 4 (quatro) horas de trabalho é *folga*, trata-se de uma forma de apropriação da professora a partir das prescrições impostas pelas normas e regras que são estabelecidas. Quer dizer, apesar de todas as *estratégias* desenvolvidas pelos agentes do poder instituído (escolas, SME/JF e outros), as professoras recriam suas realidades, reagem com *táticas*. Essas *maneiras de fazer* podem ser identificadas como práticas capazes de burlar a ordem por meio de *astúcias sutis e táticas silenciosas* (CERTEAU, 2011). Dizer pausadamente, e em bom tom, que é folga talvez seja uma forma de contradizer o discurso de uma servidora da SME/JF declarando que os professores usam o tempo como eles desejam. Sim, eles acabam usando da maneira como eles desejam e são enfáticos ao reforçar que se trata de uma folga, mas o que lhes incomoda é o discurso sobre como deveriam usar sendo que não há nenhuma prescrição sobre isto. Dizer ‘*FOL-GA*’ é uma maneira de afrontar todo um lugar que foi instituído.

As falas sobre usarem os tempos para planejamento ou não são marcas que as professoras trazem. É a ditadura de um determinado tempo. O tempo de planejamento. Assim como existem o tempo da aula, o tempo das reuniões, o tempo da conversa durante o tempo do recreio. As escolas e a secretaria, regidas pela lógica dos calendários, regimentos, normas, negam a sobreposição de vários tempos e seus entrelaçamentos. Existe uma determinação de que, naqueles momentos, aquele tempo deverá ser destinado a uma determinada atividade. A organização interna, de cada uma nessa perspectiva, não é levada em consideração.

O desejo das professoras é, realmente, realizar suas atividades extraclasse em momentos em que elas escolham e se organizem para isso. Assim, fazer o planejamento em outros dias que não seja o de *folga* também é uma tática presente na dia a dia de Clarice:

*Clarice: \_ Eu também fico no meio termo [...] Tem dia... Ora é planejamento, ora é dia folga. Os meus dias não coincidem e eu até prefiro [...] Então, organizo as minhas atividades extras para estes dias. Tem coisas que consigo marcar para os sábados. Mas acabo conseguindo me organizar melhor para estes dias. E o planejamento eu faço nos finais de semana ou à*

*noite. Que, na verdade, você vive em planejamento né?! Você vive pensando em coisas que podem melhorar sua aula. Se você sai e vê alguma coisa, você logo pensa que pode ser aproveitada para a sala. E outra coisa, não adianta muito também querer fazer tudo para o mês todo e deixar tudo prontinho se a classe não está caminhando conforme o seu ritmo, conforme o seu planejamento... Então... eu sempre refaço algumas coisas, penso em outros textos, procuro ver as notícias para levar algo mais atual para as salas. Mas provas, trabalhos eu acabo fazendo aos finais de semana mesmo, já que fico mais tranquila, corrijo com calma.*

Viver em planejamento! A fala da professora Clarice nos remete à reflexão do ato de planejar. O planejamento organiza e sistematiza o trabalho pedagógico, evitando, em muitos casos, a improvisação. Organizá-los significa exercer uma atividade que carrega uma intencionalidade científica, de caráter político e ideológico e isento de neutralidade (PADILHA, 2001).

Quando a professora Clarice fala em viver em planejamento, significa não deixar de ser professor ao passar pelo portão da escola ao sinal de término da aula. Em outras palavras, talvez pudesse expressar que os tempos de escola invadem outros tempos, da casa, dos filhos, da vida privada. *É o outro em nós* (ARROYO, 2009, p. 27). É toda uma vida...

Se entrelaçamos os tempos da escola com os tempos da vida pessoal, e vice-versa, de forma a senti-los, o estar fora da escola, para a professora Adélia, significa não se envolver com as questões do cotidiano da escola, não vivenciá-las:

*Adélia: \_ Então, de manhã, quarta, o meu horário também é na quarta, eu faço de tudo um pouco. Por isso não sei também se posso chamar isso de folga. Mas é um descanso, sim, da escola, porque você acaba pensando e fazendo outras coisas. Pode ser coisas que estão ligadas à escola? Pode, mas naquele momento você está fora da escola e isso já faz uma grande diferença.*

*Jaqueline: \_ Como assim? O que significa este estar fora da escola?*

*Adélia: \_ Tipo, sua cabeça pode estar lá, mas seu corpo não. Você pode até pensar como será que os alunos estão se comportando com a fulana que só reclama deles. Mas você não*

*“Planejar, em sentido amplo, é um processo que visa dar respostas a um problema, através do estabelecimento de fins e meios que apontem para a sua superação, para atingir objetivos [...] levando-se em conta os contextos e os pressupostos filosófico, cultural, econômico e político de quem planeja e de com quem se planeja.”*  
(PADILHA, 2001, p. 63)

*“Levamos para casa as provas e os cadernos, o material didático e preparação das aulas. Carregamos angústias e sonhos da escola para casa e de casa para a escola. Não damos conta de separar esses tempos porque ser professoras e professores faz parte de nossa vida pessoal.”*  
(ARROYO, 2009, p. 27)

*está lá para resolver nada e nem preocupar com o que poderá acontecer, ou uma briga, ou uma discussão, ou aluno que respondeu um professor. Sabe? Você não está lá.*

O estar fisicamente na escola exige do professor e da professora que ele se responsabilize pelas ações dos alunos e alunas nos momentos em que estão em sua aula. Ao professor e à professora, cabe também a tarefa de cuidar e zelar pelo bom comportamento disciplinar dos discentes, além da garantia da aprendizagem...

Voltando ao cerne de nosso estudo, se, para algumas professoras, este dia é utilizado e enfatizado que deve ser uma *FOL-GA*, seja das atividades escolares, seja do contato físico com o cotidiano escolar, para outras, pela necessidade de organização dos diferentes tempos em que somos convocados, o intervalo de 4 (quatro) horas é utilizado para o planejamento escolar:

*Cora: \_ Eu também gosto deste dia de folga, mas, para mim, Jaqueline, é planejamento, sabe por quê? Eu faço coisas da escola neste dia de manhã que estou em casa. É, eu tenho um horário para me organizar. Sabem por que tenho que aproveitar a manhã para fazer alguma coisa? Porque à tarde não tenho este dia extra. E à noite gosto de descansar.*

*Jaqueline: \_ Então, Cora, para você este dia é de planejamento?*

*Cora: \_ Ah, é. Tem que ser.*

Usar para fazer o planejamento escolar é uma das possibilidades para usos dos tempos fora da escola... E, para essas professoras que conseguem se organizar para adiantar as atividades escolares nesse intervalo de tempo *khronos*, elas têm mais clareza da necessidade do tempo para o descanso, de lazer, pois as professoras que o utilizam para realizar diferentes tarefas acabam fazendo suas atividades escolares no *horário em é possível*, ou seja, quando, possivelmente, não haveria mais nada para ser realizado naquele momento. De minha parte, considero que é uma questão de prioridade. Não dedico o meu tempo a um momento de prazer, por exemplo, porque priorizei outras coisas.

Assim, embora não exista uma única maneira de organização, essas professoras que conseguem planejar os usos dos tempos fora da escola e fazer um entrelaçamento dos diferentes tempos se arranjam, também, para o tempo do prazer, do lazer...

*Cora: \_ Eu chego na escola contando para as meninas que, na noite anterior, como um exemplo, que fui no cinema e elas nem acreditam. Elas falam, “nossa, como que você consegue?!”. Ah, mas eu vou, vou mesmo. Acho que tenho esse direito. A gente tem direito de descansar, de divertir. E vou mesmo, ainda mais que meu dia é quarta e cinema neste dia é mais barato [risos]. Aí trabalho normalmente de manhã na quarta fazendo as coisas e, à noite, vou ao cinema, mas não são todas as quartas não. Mas só de sair de casa também vale à pena.*

Ao escutarmos as professoras, ficaram claras as diferentes possibilidades de usos dos tempos fora da escola e conseqüentemente fora da sala de aula. As possibilidades são como dia de folga, descanso, planejamento, dia de ir ao médico, de fazer compras, dia extra, dia de estudo... Ou seja, novamente chamo atenção para a questão da organização dessas horas de acordo com o interesse e as prioridades...

*Rachel: \_ Poucas pessoas pensam que é só para planejamento. O pessoal já fala mesmo que é o dia em casa, dia de folga, dia de descanso, dia para passear, dia extra, mas nunca dia somente de planejar.*

Se somos responsáveis pela organização dos tempos, por que está instituído pela SME/JF que essas horas devem ser dedicadas apenas às atividades docentes (planejamento, formação, capacitação)? Ou, por outro lado, por que, para algumas professoras, esse tempo deve ser entendido somente como folga? Na direção dessas reflexões Adélia, pontua:

*Adélia: \_ Então, Jaqueline, para mim, é dia extra. Seja ele para planejar quando é possível, seja para fazer outras coisas e, por que não, para passear, fazer academia. O que não entendo é por que somente neste horário que podemos fazer alguma coisa para a escola? Sinceramente, eu prefiro e acho que sai com*



*mais capricho e atenção fazer as coisas da escola em um horário mais tranquilo. E, este horário, para mim, é à noite. Ah, e se me perguntarem: mas quando você descansa? Quando estou brincando com os meus filhos, quando levo para o shopping. Ou quando estou fazendo as minhas orações. Aí paro, reflito em um monte de coisas. Estou perdendo tempo? Não, pelo contrário, era desse tempo que eu precisava naquele momento.*

Neste ínterim, outra questão também ganhava clareza entre as professoras. Não se trata apenas de uma *nomenclatura* – folga, extra, dia de estudo, dia de planejamento. Nossa prosa continuava instigante...

*Anne: Pois então pessoal, estou escutando vocês falarem e fiquei mais quieta e foi proposital mesmo. Eu também trabalho em dois turnos, na verdade nos três turnos e também tento me organizar muito para estudar, planejar, militar no sindicato e me divertir. É difícil, é bem difícil. E todo mundo sabe disso [...]. Então, eu acho que este dia não pode ser considerado dia de folga não. Em hipótese alguma, se não ninguém vai acreditar, dar credibilidade à nossa luta, pois a gente conseguiu recentemente reduzir ainda mais a carga horária com o aluno para fazer cumprir o 1/3 fora da sala de aula que diz a lei federal. E isso implica nomear mais professores para garantir as horas dos alunos. E isso é ótimo para a categoria. Então seria um absurdo se falássemos que é dia de folga simplesmente.*

*Jaqueline: \_ Mas então eu te pergunto: é dia de quê?! O que deveria ser feito nestas horas?! Como deveria ser chamado, por exemplo, o dia em que vocês não vão à escola?*

*Anne: \_ Então, não pode ser de folga. Não pode receber este nome.*

*Adélia: \_ Eu falo dia extra.*

*Jaqueline: \_ Mas repare, Adélia, que não é dia extra porque está na carga horária semanal de trabalho do professor. Vocês não estão recebendo extra por este dia.*

*Clarice: \_ E se a gente for pensar nessa lógica, também não é dia de estudo, porque poucos estão fazendo atividades de estudo.*

*Jaqueline: \_ Eu não sei, aliás eu tenho certeza, que isso não passa simplesmente pela questão da nomenclatura. A gente está conversando aqui e vejam como surgem diferentes questões, que, por sinal, são delicadas de serem tratadas.*

*Anne: \_ É, e não é mesmo questão de nomenclatura.*

As conversas também trouxeram essa conotação de nomenclatura. E vimos que não se trata apenas disso. O que me chamou a atenção desde o início dos nossos encontros foi uma nomenclatura de uma professora, mas percebe-se que este assunto vai além de um simples nome. Por isso, as *instabilidades, tensões, silêncios* durante as nossas conversas.

Entre um ponto e outro dos fios que estavam sendo *traçados em rede*, diante de um ou outro silêncio, lancei a pergunta:

*Jaqueline: \_ O silêncio significa que vocês estão pensando?*

*Rachel: \_ É, Jacqueline. Até porque esta conversa toda mexe com a nossa ferida. Vai lá no fundo.*

*Rute: \_ O que acontece: a gente tem essas horas que é para atividades extraclases. A gente não cumpre assim. Mas a gente faz em outro horário. Então a gente tem uma folga, mas que não pode ser dita folga.*

*Jaqueline: \_ Não, vocês podem dizer. A gente está conversando.*

*Rute: \_ Não, estou pensando com meus botões aqui. Concordo que, se falarmos em folga, pega mal depois de tudo que falamos aqui. Então é complicado. O que é então?*

*Jaqueline: \_ Então, passo a pergunta para vocês. [...] Quero que vocês, professoras da rede, quero saber então o que vocês professoras acham que deveria ser este dia?*

*Cecília: \_ Olha, Jacqueline, não é dia de folga na lei, mas todo mundo considera isto sim. Todo mundo faz outras coisas que não são da escola e todos também sabem disso na escola, na secretaria, no sindicato. Todo mundo sabe. Então todo mundo considera folga mesmo. Mas essas horas, esse dia não fica perdido assim... A gente não deixa de fazer as atividades da escola, só que a gente não faz naquele horário específico. A gente se vira e faz do nosso jeito, no nosso horário, na hora que der.*

As vozes das professoras pareciam desabafos e, ao mesmo tempo, expressões das próprias tensões e conflitos internos. Desse enredamento de diferentes concepções e formas de narrar, evidenciava-se a

necessidade da *pluralização de vozes*. Essa *arte de dizer* permite entender como os *praticantes ordinários* do cotidiano burlam as *regras* com suas riquezas e dificuldades, com sua criatividade e particularidade (CERTEAU, 2011). Essas *maneiras de fazer* vão produzindo um jogo de lances de acordo com as oportunidades e ocasiões, definindo diferentes maneiras de *usos* e de *consumo*.

As *vozes entrelaçadas* ganhavam força e coro à medida que em uma fala a outra professora também se identificava. As falas carregadas de *sentidos* ecoavam no espaço da pequena sala onde nos encontrávamos como se quisessem dizer aquilo para *todo o mundo*.

Emaranhadas em uma rede, o rumo de nossas prosas começara a ganhar uma noção da *coexistência dos tempos*. Por algum tempo, em nossa roda, permeava a questão de que as horas fora da escola ora são folga, ora são planejamento da prática docente. Ou seja, se não for uma coisa, só pode ser outra, com algumas exceções para dedicação aos diferentes tempos em que somos convocados. O poema de Cecília Meireles (2002) fez muito sentido ao colocar que as coisas são *isto ou aquilo*.

Porém, a conversa caminhava no entendimento que as coisas podem ser *isto, aquilo e aquilo outro* também. Não se trata de ser tudo, mas de entender que as possibilidades podem ser múltiplas. Assim também ocorre com os usos dos tempos da escola. Esse entendimento refuta os limites surgidos ao colocarmos sempre as coisas em uma lógica binária.

A professora Anne refletiu de maneira substancial sobre as diferentes possibilidades dos tempos, da vida, e por alguns instantes as outras professoras ficaram em silêncio.

*Anne: \_Para mim, é dia de planejar, se não forem coisas específicas da escola, pelo menos da minha vida... Se eu não planejar minhas coisas de vida, com toda certeza as coisas da escola não terão como ir bem. Eu não sou só vida e não sou só escola. Eu sou tudo: vida e escola e outras coisas mais. Quando a gente não planeja nada, a gente acaba atropelando tudo. Eu preciso planejar um médico para fazer um exame, por exemplo. Mesmo que o horário do médico tenha somente naquele dia que estou fora da escola. Por que não pode ser assim?*

*[...] É uma grande pena que não se possa estar ao mesmo tempo em dois lugares! Ou guardo o dinheiro e não compro o doce, ou compro o doce e gasto o dinheiro. Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo. E vivo escolhendo o dia inteiro! Não sei se brinco, não sei se estudo, se saio correndo ou fico tranquilo. Mas não consegui entender ainda qual é melhor: se é isto ou aquilo.”*  
(MEIRELES, 2002, p. 38)

Depois de alguns segundos...

*Adélia: \_Jaqueline, me chamou a atenção o que a Anne disse. Essas horas são horas de nossas vidas. Não se trata exclusivamente de um pedaço do dia em que devo todo aquele dia da semana específico fazer sempre a mesma coisa. As coisas precisam de uma flexibilidade. Então, se você me refizer, fizer de novo para todo mundo aqui a pergunta “como você usa este tempo”? Que é a questão de seu estudo, após toda esta discussão, eu e muitas outras talvez diríamos outra resposta. Eu te responderia: \_ Eu uso do jeito que é possível ser usado. Ponto. Se essa semana eu fiz isto, na outra tenho que fazer diferente. E preciso fazer diferente. Porque a vida é dinâmica. Hoje, estou conversando, amanhã estarei na escola no mesmo horário fazendo coisas completamente diferentes.*

*Anne: \_ Até porque, igual à Cora. Ela, toda quarta-feira, ela, embora tenha dito que faz planejamento, ela faz coisas diferentes todas as quartas-feiras. Ela não repete tudo. Então concordo com a Adélia e gosto desse perfil dinâmico que a vida tem.*

*Rachel: \_ Estou reparando, Jaqueline, como foram interessantes essas nossas falas aqui agora. Às vezes, a gente pensa que é obrigada a fazer certas coisas naquele momento, mas não.*

Neste ponto de nossa prosa, a compreensão dos tempos fora da escola aproximava com o prostrar com a concepção de tempo em que acredito e posto aqui neste trabalho. A de que tempo é algo *múltiplo*, com *diferentes possibilidades*. A fala da professora Anne repercutiu em cada colega ali presente. A compreensão de que os *tempos coexistem* caminha na direção do entendimento da existência das diferentes *maneiras de fazer*. Assim, existem também diferentes *maneiras de utilizar* que são realizadas em ações reais, de forma a não ter uma repetição da ordem social preestabelecida. Isso quer dizer que existem diferentes usos dos tempos destinados a atividades extraclasse da jornada semanal de trabalho do professor da rede de ensino municipal de Juiz de Fora (MG). Esses diferentes *usos* se dão através das *táticas* dos praticantes, que inserem na ordem vigente, as várias *maneiras de fazer*.

As conversas ofereceram a possibilidade do entendimento de que *é preciso e possível* experiencarmos os diferentes tempos *khronos*, *kairós* e *aión* em suas coexistências. Sabemos, porém, que priorizamos apenas o tempo *khronos*. Acontece que essas diferentes temporalidades são oferecidas para serem vividas no agora, no momento presente da vida. Vivenciar essa coexistência possibilita experienciar todas as coisas de modo intenso, a não se angustiar pela “fata de tempo”, já que ele é e seus usos são movimentados para a vida.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE OS PERCURSOS E AS CONVERSAS

### Não sei

Não sei... se a vida é curta ou longa demais para nós,  
 Mas sei que nada do que vivemos tem sentido,  
 Se não tocamos o coração das pessoas.  
 Muitas vezes basta ser:  
     Colo que acolhe,  
     Braço que envolve,  
     Palavra que conforta,  
     Silêncio que respeita,  
     Alegria que contagia,  
     Lágrima que corre,  
     Olhar que acaricia,  
     Desejo que sacia,  
     Amor que promove.  
 E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida.  
 É o que faz com que ela não seja nem curta, nem longa demais,  
 Mas que seja intensa, verdadeira, pura... Enquanto durar.  
 Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.

(CORA CORALINA, 2014).

Fazer a *escritura* desta dissertação talvez tenha sido uma das tarefas mais difíceis de todas as etapas deste processo vivenciado por mim. Não pela tarefa em si, já que é uma exigência do Programa de Mestrado, mas pelo que ela representa para mim... Só quem viveu este processo comigo entende a que estou me referindo.

Em cada *maneira de dizer, de escrever*, há um registro, uma marca deixada por mim, algo que tocou o meu coração no dizer da epígrafe acima, e, para cada parte deste texto escrito, penso, agora, como poderia ter escrito de maneira diferente um determinado trecho do texto. Penso que muitas outras situações poderiam ser registradas, mas que não estão porque o que escrevi foi exatamente o que *pensei, senti e me tocou* em um determinado instante. Isto é, as coisas podem ser diferentes na medida em que o que você faz é colocado para reflexões. Mas o que você faz em um determinado momento já está feito. Você pode (re)fazê-lo quando se dispõem a (re)construí-lo...

Por certo, muito do que está escrito aqui são *indícios* de novas reflexões, novas ideias, outras apreciações, abertas a diferentes possibilidades.

Com este trabalho, busquei contribuir com as reflexões, mesmo que incipientes ainda, sobre os tempos dos professores, bem como seus usos. E, para além dessas reflexões, o intento é que possibilite problematizações sobre as diferentes temporalidades que experienciamos na vida.

Esta dissertação marca o término de um processo que, embora não apresente conclusões, abre possibilidades para outras (re)leituras. Como é um trabalho que não recebe um arremate final, possibilita outros estudos e pesquisas que me instigam, como a compreensão sobre os diferentes tempos pelo professor ou, ainda, os tempos do professor dentro da escola. Gosto de pensar nestas outras possibilidades como o “inédito viável” (FREIRE, 2005, 1992), ou seja, aquilo que ainda não é, mas que, pela nossa vontade de ação, pode *tornar-se, vir a ser*.

A *escritura* deste trabalho de dissertação, portanto, para por aqui. Para por causa da instituição do tempo *khronos* que ordena as organizações, mas as reflexões surgidas a partir do presente continuam a fazer parte de minha caminhada. Assim, neste último texto, trago algumas reflexões que mais me marcaram e que traduzem, de certa maneira, os meus “inéditos viáveis” do processo, tudo que foi sendo (re)significado...

Ao tentar compreender como são os usos dos tempos fora da sala de aula de professoras da rede de ensino municipal de Juiz de Fora (MG), busquei lidar com as contradições e conflitos advindos do próprio processo de pesquisa. Foi preciso, contudo, ter “[...] o reconhecimento do inacabado e da incompletude de qualquer conhecimento” (MORIN, 2007, p. 7).

Compreender que as coisas estão inacabadas levou-me a lidar também com as minhas próprias incompletudes. Foi preciso errar para conseguir (re)construir, (re)fazer... Assim, a leitora e o leitor viram-me por inteira neste estudo, mostrando-me como *pessoaprofissionalpesquisadora*.

Ao me mostrar, ficaram evidentes também as opções que fiz durante os percursos da pesquisa. Optei por seguir caminhos e trilhas onde pudesse conversar com professoras que também estavam dispostas a se mostrarem como *pessoas*. Nas conversas com essas *pessoas* e em seus registros, procurei evidenciar os movimentos de *astúcias de praticantes* (CERTEAU, 2011) e explicitar a presença de outras possibilidades para aquilo que está posto.

Durante as conversas com as professoras coautoras deste estudo, percebi as *mil maneiras de caça não autorizadas* (CERTEAU, 2011, p. 38). O contato e os encontros me fizeram perceber as diferentes *maneiras de fazer* ao trilhar percursos que também são possíveis de serem (re)inventados.

Ao trilhar caminhos *indeterminados* na tentativa de compreender a questão basilar deste estudo – como são os usos que professoras têm feito dos tempos da jornada de trabalho fora da sala de aula –, houve a necessidade de sair de um consenso preestabelecido. A afirmação de que “*os professores usam o tempo da forma como eles desejam*” é um discurso que estabelece um *lugar de poder e de querer* (CERTEAU, 2011). Fugir desse consenso foi necessário para, ao escutar de forma atenta as professoras, extrair os sentidos, os anseios, as contradições trazidos em suas falas. As falas carregadas de sentimentos foram captadas entendendo a *multiplicidade de vozes e práticas* (CERTEAU et al., 1996, p. 21).

A partir do objetivo da pesquisa, que foi problematizar sobre a compreensão de como são os usos dos tempos fora da sala de aula e que compõem a jornada de trabalho semanal, pude tecer, junto às professoras, alguns fios que marcaram substancialmente o estudo: *os tempos são múltiplos*, por isso, *os usos também são múltiplos*.

Assim, não há de ter, por exemplo, uma única forma de vivenciar esse tempo escolar específico com o qual as professoras lidam. Pois, ao evocar a categoria *tempo*, somos convocados a responder as três dimensões do tempo que coexistem: *khronos* – medido pelos relógios; o *kairós* – referente à oportunidade e *aión* – que é o tempo da experiência



(D'AMARAL, 2003). Responder a cada dimensão ou as três simultaneamente é uma questão de prioridades, escolhas, possibilidades.

Desse modo, as falas das professoras que se fizeram presentes na *escritura* desta dissertação, entrelaçadas e atravessadas umas às outras, narraram diferentes possibilidades de usos dos tempos de que trata o estudo. De nossos encontros, algumas reflexões ficaram mais evidentes.

A maneira como as professoras utilizam o tempo fora da sala de aula, mais especificamente fora da escola, depende muito das possibilidades e, por que não, viabilidades. Isto é, algumas dedicam esse intervalo *khronos* às atividades da escola, pois, assim, é *possível* se organizarem para executarem em outros intervalos diferentes coisas ou, ainda, experienciem outros afazeres. Outras professoras dedicam esse tempo à execução de atividades que não se referem à escola, executando-as quando é *possível*, ou no momento oportuno, mais viável e tranquilo.

Existe uma instituição, que as próprias professoras trouxeram em suas falas, que, no intervalo oficialmente descrito para atividades extraclases, de que o professor deve *fazer algo*, preferencialmente algo voltado para a escola. Essa institucionalização é uma marca da ditadura do tempo, onde é exigido que, em cada tempo, deve-se ter um compromisso para não termos a sensação de perda de tempo. Por isso, foi notório, inicialmente, as professoras sentindo a obrigação de responder algo para mostrar que ocupavam o tempo ao qual nos referíamos. Esta sensação só foi amenizada ao mencionarmos a coexistência dos tempos.

Assim, as professoras que responderam que priorizam outros afazeres que não se referem à escola, cumprem as atividades extraclasse, por cuja realização são responsáveis, de uma forma ou de outra. E, entrelaçada às atividades escolares, como bem frisado pela professora Anne, existe uma vida, cheia de afazeres, deveres, prazeres... Não são apenas professoras, são *peçoasprofessoras*.

Além do mais, embora executem uma determinada jornada de trabalho oficial, os profissionais que atuam na educação levam trabalho para casa para cumprir outras jornadas que não estão nos documentos oficiais. Até porque *o professor não deixa de ser professor* ao passar pelo

portão da escola ao sinal de término da aula. Ser professor entrelaça e faz parte de nossa vida pessoal...

Outra questão que ficou evidente a partir das *vozes das professoras* é que existe, entre elas, um sentimento de que são pouco reconhecidas pelo trabalho que executam, pelas *horas* a mais que dedicam às atividades escolares. As horas, embora organizadas de forma *cronológica*, podem também tornar momentos nos quais prevaleçam a *experiência*, a *oportunidade* de fazer algo diferente.

Esta é uma realidade comum no âmbito educacional, mais especificamente com o ensino. Dificilmente todas as atividades serão executadas no ambiente de trabalho. Traduz, de certo modo, o atual quadro dos professores do Brasil (GATTI; BARRETO, 2009).

Para além das discussões sobre como utilizar o tempo destinado às atividades extraclasse, a questão sobre a nomenclatura das horas que correspondem a um dia de trabalho também foi uma reflexão instigante. Está claro que não se trata apenas de uma simples nomenclatura – dia de folga, de planejamento, extra, dia de estudo. A questão perpassa pela reflexão do que esse intervalo significa para a educação municipal no que se refere à qualidade da educação e aos profissionais que nela atuam.

Escutar as professoras possibilitou andar por caminhos (des)conhecidos. Possibilitou, também, compreendê-las a partir de suas falas mais sutis que repercutiram na sala onde proferimos as nossas conversas.

Fica, assim, a minha responsabilidade de fazer com que suas falas ultrapassem as linhas deste trabalho e ecoem em outros espaços, para outros ouvidos:

*Anne: \_ Jaqueline, acho que seu trabalho não pode ficar só em São João Del-Rei não. Você tem que enviar para o sindicato, para a secretaria. Para saberem do que dizemos aqui. Acho interessante até mesmo para aprimoramento de novas medidas, de novas políticas da SME/JF. Acho que o trabalho vai ser muito bem-vindo. Os encontros, acho que foram uma oportunidade de falarmos coisas que somente comentamos com os nossos colegas. E talvez com a publicação de parte dos relatos, essas falas possam chegar em outros ouvidos. E isso é muito interessante e produtivo.*

Considero importante tentar deixar evidente aqui uma possível resposta para a pergunta geradora desse estudo: existem diferentes *usos* dos *tempos* destinados a atividades extraclasse da jornada semanal de trabalho do professor da rede de ensino municipal de Juiz de Fora/ MG. Esses diferentes *usos* se dão através das *táticas* dos praticantes, que inserem na ordem vigente as várias *maneiras de fazer* (CERTEAU, 2011).

As *maneiras de fazer* diferentes umas das outras são *inéditos viáveis*, cada qual com suas particularidades e possibilidades. Essa é uma aprendizagem que obtive ao tecer a pesquisa, que me permitiu, também, experienciar outras formas de lidar com os tempos. Por certo, a questão do tempo permeará minhas atitudes nos *espaçotempos* em que me fizer presente.

Assim, esta dissertação deixa, para mim e para as professoras, algumas problematizações que iremos carregar para o interior das escolas e da vida. Fica, então, o convite à leitora e ao leitor para também fazerem uso das reflexões tecidas neste trabalho.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **A ciência da bifurcação**: uma homenagem a Ilya Prigogine. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3251/2511>. Acesso em: 27 de jul. 2013.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: \_\_\_\_\_. **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 13-38.

\_\_\_\_\_. Sobre as razões da pesquisa nos/dos/com os cotidianos. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Diálogos cotidianos**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010. p. 67-82.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre**: Imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2009.

AZEVEDO, Joanir Gomes de. A tessitura do conhecimento em redes. In: ALVES, Nilda. **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 55-68.

BRASIL. Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 17 jul. 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/11738.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11738.htm)>. Acesso em: 18 jul. 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano** – 1. Artes de fazer. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano** – 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.

CORALINA, Cora. **Não sei**. Disponível em: <[http://pensador.uol.com.br/poemas\\_de\\_cora\\_coralina/](http://pensador.uol.com.br/poemas_de_cora_coralina/)>. Acesso em: 19 abr. 2014.

D’ AMARAL, Marcio Tavares. Sobre tempo: considerações intempestivas. In: DOCTORS, Marcio (Org.). **Tempos dos tempos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 15-32.

ELIAS, Nobert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. O tempo da escola e o tempo na escola como pauta na discussão de políticas de qualidade para a escola pública. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 103, dez. 2009. Disponível em:

<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/8514/4942>. Acesso em: 29 de set. 2012.

FETZNER, Andréa Rosana. A implementação dos ciclos de formação em Porto Alegre: para além de uma discussão do espaço-tempo escolar. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p. 51-65, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a05.pdf>. Acesso em: 29 de set. 2012.

FONTANA, Roseli A. Cação. De que tempos a escola é feita? In: VIELLA, Marai dos Anjos Lopes (Org.). **Tempo e espaços de formação**. Chapecó: Argos, 2003.

FRANCO, Divaldo Pereira. **Vida Feliz: pelo espírito Joanna de Ângelis**. Salvador: Livr. Espírita Alvorada Editora, 1992.

FRANK, Anne. **Que maravilha é ninguém precisar...** Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/ODE1NzM0/>>. Acesso em: 19 abr. 2014a.

\_\_\_\_\_. **O melhor de tudo...** Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/NTk2MTgw/>>. Acesso em: 19 abr. 2014b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. **A pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 13ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá (Coord.). **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009.

GIARD, Luce. Artes de nutrir. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 211-233.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. 2. ed. 3. reimp. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 18. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

JUIZ DE FORA. Lei nº 09732, de 10 de março de 2000. Regulamenta a Jornada Semanal do Pessoal do Quadro do Magistério Municipal, adequando-se à disposição Federal. **Sistema de Legislação Municipal – JFLegis**. Disponível em:

<[http://www.jflegis.pjf.mg.gov.br/c\\_norma.php?chave=0000023551](http://www.jflegis.pjf.mg.gov.br/c_norma.php?chave=0000023551)>.  
Acesso em: 21 nov. 2012a.

\_\_\_\_\_. Lei nº 11.169, de 22 de junho de 2006. Dispõe sobre pagamento de adicional ao servidos do Quadro de Magistério, para comparecimento a reuniões de planejamento e pedagógicas e dá outras providências. **Sistema de Legislação Municipal – JFLegis**. Disponível em: <[http://www.jflegis.pjf.mg.gov.br/c\\_norma.php?chave=0000027063](http://www.jflegis.pjf.mg.gov.br/c_norma.php?chave=0000027063)>.  
Acesso em: 21 nov. 2012b.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 08985, de 1º de setembro de 2006. Regulamenta a Lei Municipal de nº 11.169, de 22 de Junho de 2006, que “Dispõe sobre pagamento de adicional ao servidos do Quadro de Magistério, para comparecimento a reuniões de planejamento e pedagógicas e dá outras providências. **Sistema de Legislação Municipal – JFLegis**. Disponível em:  
<[http://www.jflegis.pjf.mg.gov.br/c\\_norma.php?chave=0000027253](http://www.jflegis.pjf.mg.gov.br/c_norma.php?chave=0000027253)>.  
Acesso em: 21 nov. 2012c.

\_\_\_\_\_. Lei nº 11.790, de 07 de julho de 2009. Dispõe sobre as alterações das Leis nº 10.367, de 27 de dezembro de 2002, nº 11.169, de 22 de junho de 2006 e nº 11.555, de 04 de abril de 2008, e dá outras providências. **Sistema de Legislação Municipal – JFLegis**. Disponível em:  
<[http://www.jflegis.pjf.mg.gov.br/c\\_norma.php?chave=0000031639](http://www.jflegis.pjf.mg.gov.br/c_norma.php?chave=0000031639)>.  
Acesso em: 21 nov. 2012d.

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.249, de 23 de março de 2011. Dispõe sobre a alteração de dispositivos na Lei nº 8710, de 31 de julho de 1995, com suas alterações posteriores, na Lei nº 10113, de 18 de dezembro de 2001, na Lei 11.260, de 11 de dezembro de 2006 e na Lei nº 11.169, de 22 de junho de 2006 e dá outras providências. **Sistema de Legislação Municipal – JFLegis**. Disponível em:  
<[http://www.jflegis.pjf.mg.gov.br/c\\_norma.php?chave=0000033706](http://www.jflegis.pjf.mg.gov.br/c_norma.php?chave=0000033706)>.  
Acesso em: 21 nov. 2012e.

KRETTI, Sandra. Burlas e artimanhas de professores e alunos: tecendo redes de saberes, valores e pensamentos... o currículo praticado nas escolas. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32, 2009, Caxambu. **Anais eletrônicos...** Caxambu: ANPEd, 2009. Disponível em: <http://http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT12-5505--Int.pdf>.  
Acesso em: 29 de set. 2012.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./fev./ mar./ abr. 2002.

\_\_\_\_\_. A arte da conversa. In: SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 211-216.

LECLERC, Gesuína de Fátima Elias; MOLL, Jaqueline. Programa Mais Educação: avanços e desafios para uma estratégia indutora da Educação Integral e em tempo integral. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 45, p. 91-110, jul./set. 2012. Editora UFPR. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n45/07.pdf>. Acesso em: 29 de set. 2012

LISPECTOR, Clarice. **O sonho**. Disponível em: [http://pensador.uol.com.br/sonho\\_poema\\_de\\_clarice\\_lispector/](http://pensador.uol.com.br/sonho_poema_de_clarice_lispector/). Acesso em: 19 abr. 2014a.

\_\_\_\_\_. **Renda-se como eu me rendi**. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frase/MTM0Mg/>. Acesso em: 19 abr. 2014b.

MACHADO, Ana Maria. **Poesias**. Disponível em: <http://anamariamachado.tumblr.com/> . Acesso em: 19. abr. 2014.

MARQUES, Carlos Alberto; MARQUES, Luciana Pacheco. Do universal ao múltiplo: os caminhos da inclusão. IN: LISITA, V. e SOUSA, L. (Org.). **Práticas educacionais, práticas escolares e alternativas de inclusão escolar**. Rio de Janeiro: DPA, 2003. p. 223-239.

MARQUES, Luciana Pacheco et al. Estado da arte: (re)escrevendo a história do tempo na produção em educação. In: IX Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste, 2009, São Carlos. **Anais...** do IX Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste. São Carlos: UFSCar, 2009. v. 1. p. 1-13.

\_\_\_\_\_. Tempo na/da escola: produções em educação. In: XVI Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, 2012, Campinas. **Anais...** do XVI Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. Campinas: Junqueira&Marin, 2012.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

\_\_\_\_\_. **Reinvenção**. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ceciliameireles02.html>. Acesso em: 19 abr. 2014.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NAJMANOVICH, Denise. O feitiço do método. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Método Métodos Contramétodo**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 25-62.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. SGARBI, Paulo. **Estudos do cotidiano & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

OLIVEIRA, Luiz Alberto. **Imagens do Tempo**. In: DOCTORS, Márcio. **Tempo dos tempos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 33-68.

PADILHA, P. R. **Planejamento Dialógico**: como construir o projeto político-pedagógico da escola. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.

PARENTE, Cláudia da Mota Darós. A construção dos tempos escolares. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 135-156, ago. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982010000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000200007). Acesso em: 29 de set. 2012.

PINHO, Ana Sueli Teixeira de; CORREIA, Antônio Carlos da Luz. As formas de institucionalização e organização do tempo escolar no ensino fundamental: tempos e ritmos em escolas com classes multisseriadas da ilha de Maré. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35, 2012, Porto de Galinhas. **Anais eletrônicos...** Porto de Galinhas: ANPEd, 2012. Disponível em: <http://35reuniao.anped.org.br/trabalhos/117-gt13>. Acesso em: 29 de set. 2012.

PRADO, Adélia. **Sonho**. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frase/Mjg5MzYy/>. Acesso em: 19 abr. 2014.

PRIGOGINE, Ilya. **Do ser ao devir**. Entrevista concedida a Edmond Blattchen. São Paulo: Editora UNESP; Belém: Editora Universidade Estadual do Pará, 2002.

\_\_\_\_\_. **O fim das certezas**: tempo, caos, e as leis da natureza. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_; STENGERS, Isabelle. **A nova aliança**: metamorfose da ciência. 2. ed. Brasília: Editora da UNB, 1991.

PUENTE, Fernando Rey. **O tempo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. (Coleção: Filosofias: o prazer do pensar).

REIS, Graça Regina Franco da Silva. Sobre buraquinhos e giz de cera: relatos de formação docente e práticas cotidianas. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 34, 2011, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: ANPEd, 2011. Disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/images/posteres/GT13/GT13-214%20int.pdf>. Acesso em: 29 de set. 2012.

ROCHA, Rute. **As coisas que a gente fala**. Disponível em: [http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_infantil/ruth\\_rocha.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_infantil/ruth_rocha.html) Acesso em: 19 abr. 2014.



ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ROSA, Rebeca Silva Brandão. Representações de professor(a): o cinema como espaçotempo de tessitura curricular de discentesdocentes. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35, 2012, Porto de Galinhas. **Anais eletrônicos...** Porto de Galinhas: ANPEd, 2012. Disponível em: <http://35reuniao.anped.org.br/trabalhos/117-gt13>. Acesso em: 29 de set. 2012.

SKLIAR, Carlos. Sobre a temporalidade do outro e da mesmidade – notas para um tempo (excessivamente) presente. In: \_\_\_\_\_. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 37-64.

SOUZA, Aparecida Neri de. Condições de trabalho na carreira docente. Comparação Brasil-França. In: VII Seminário Redestrado – Nuevas Regulaciones em América Latina, 2008, Buenos Aires. **Anais eletrônicos...** Buenos Aires, Redestrado, 2008. Disponível em: [http://www.fae.ufmg.br/estrado/cdrom\\_seminario\\_2008/textos/ponencias/Ponencia%20Aparecida%20Neri.pdf](http://www.fae.ufmg.br/estrado/cdrom_seminario_2008/textos/ponencias/Ponencia%20Aparecida%20Neri.pdf). Acesso em: 19 set. 2013.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

**Universidade Federal de São João del-Rei  
Departamento de Educação  
Programa de Pós-Graduação  
Processos Socioeducativos e Práticas Escolares**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_, professora da rede municipal de ensino de Juiz de Fora/MG, autorizo a pós-graduanda Jaqueline Gomes Magalhães, do Programa de Pós-Graduação Processos Socioeducativos e Práticas Escolares – Mestrado da Universidade Federal de São João del-Rei, a registrar as informações dos encontros por meio de gravações, na qual eu atuarei na condição de professora participante da pesquisa.

Estou consciente de que as informações obtidas nessas conversas serão usadas como elementos para a compreensão da pesquisa de mestrado da referida pós-graduanda, assim como podem vir a ser usadas também em quaisquer outros trabalhos acadêmicos.

Juiz de Fora, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

---

Assinatura da professora participante da pesquisa

**APÊNDICE B – TERMO DE COMPROMISSO**

**Universidade Federal de São João del-Rei  
Departamento de Educação  
Programa de Pós-Graduação  
Processos Socioeducativos e Práticas Escolares**

**TERMO DE COMPROMISSO**

Eu, Jaqueline Gomes Magalhães, estudante do Programa de Pós-Graduação Processos Socioeducativos e Práticas Escolares da Universidade Federal de São João del-Rei, realizarei gravações coletivas das narrativas de professoras a respeito dos usos dos tempos da jornada de trabalho fora da sala e contará com a participação da professora \_\_\_\_\_ da rede de ensino municipal de Juiz de Fora/MG.

Estou consciente de que os registros das narrativas serão usados como elementos para a compreensão de minha questão de pesquisa, assim como podem vir a ser usados também em futuros trabalhos acadêmicos.

Juiz de Fora, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

---

Jaqueline Gomes Magalhães

**APÊNDICE C – OFÍCIO SOLICITAÇÃO**

Juiz de Fora, 14 de novembro de 2012.

Ofício nº. 01/2012

De: Sra. Jaqueline Gomes Magalhães  
Pesquisadora/mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da UFSJ

Para: Sra. Eleuza Maria Rodrigues Barbosa  
Secretária Municipal de Educação de Juiz de Fora

Assunto: Solicitação de autorização

Prezada Senhora Secretária,

Eu, Jaqueline Gomes Magalhães, aluna do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ, estou desenvolvendo uma pesquisa com a temática “Usos dos tempos pelos professores”, sob a orientação da professora Dra. Romélia Mara Alves Souto. O estudo tem como objetivo compreender os diferentes usos que os professores da rede municipal de ensino de Juiz de Fora fazem dos tempos destinados ao trabalho fora de sala de aula.

Desse modo, venho pelo presente solicitar a autorização para consulta e estudo da legislação municipal (portarias, regulamentos, documentos enviados pelas escolas) no que se refere à organização da rede sobre o tempo fora de sala de aula dos professores. Trata-se, num primeiro momento, a partir de um contexto macro, conhecer a organização do tempo fora de sala de aula do professor que a rede municipal de ensino de Juiz de Fora prescreve nos documentos oficiais, além do mapeamento das formas como as escolas estão organizando esse tempo.

É importante ressaltar, que o contato com as fontes escritas oficiais, será mais do que um ato de leitura; tornará compreensão, na medida em que interfere diretamente nos usos dos tempos pelos professores. Daí a importância do mapeamento proposto, buscando dados na Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora.

Informamos que, visando ao cronograma proposto para nossa pesquisa, estipulamos o período do dia 19 de novembro de 2012 à 19 de janeiro de 2013, para podermos realizar a leitura da legislação e fazer o mapeamento das formas de organização das escolas.

Certa de sua compreensão, e esperando contar com o apoio dessa Secretaria, antecipo meus agradecimentos e coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos em relação à pesquisa pelos contatos (32) 88224205/ jaqgomes@yahoo.com.br.

Atenciosamente,

Jaqueline Gomes Magalhães  
Pesquisadora/mestranda PPGE/ UFSJ

À Senhora  
Eleuza Maria Rodrigues Barbosa  
Secretária Municipal de Educação de Juiz de Fora  
Juiz de Fora/ MG